

FUNDADO POR EDSON REIS
EM 27 DE MARÇO DE 1949

Correio das Artes

Fevereiro 2018 - ANO LXVIII Nº 12

A photograph of a man with glasses playing a violin. He is wearing a dark jacket and a white scarf. The scene is dimly lit, with a large, glowing white orb in the foreground. The background is dark and out of focus.

**João
Carlos
Beltrão**

Fotografia sem retoques
do audiovisual paraibano



O ano dos longas

O paraibano João Carlos Beltrão é uma espécie de ator, diretor, roteirista, fotógrafo e historiador do cinema contemporâneo da Paraíba. Este discreto homem de direção e câmera não só está por dentro de praticamente tudo o que aconteceu ou está em processo, no estado, quando o assunto é audiovisual, como tem seu nome impresso na ficha técnica de quase todos os curtas, médias e longas-metragens produzidos por aqui, nas duas últimas décadas.

João faz cinema – é cineasta, assistente de câmera e diretor de fotografia – e briga pelo cinema. Por duas vezes defendeu os interesses dos profissionais do audiovisual à frente da Associação Brasileira de Documentaristas, Seção Paraíba (ABD-PB), além de representar o segmento no Conselho Estadual de Cultura da Paraíba. Tem uma coleção de prêmios nas várias áreas que atua, e já foi

O cineasta e diretor de fotografia João Carlos Beltrão acredita que 2018 será um ano diferente para o audiovisual paraibano, pela quantidade e qualidade de longas que estão prontos para estrear.

homenageado em importantes festivais e mostras estaduais de audiovisual.

O cinema, para João, é o lugar certo para ele se expressar, se tocar e tocar os outros por meio das imagens dos filmes que faz ou ajuda

a fazer. Como parceiro, tem consciência de que está contribuindo com os diretores para o desenvolvimento do audiovisual, por meio de obras que influem na história, na memória e na identidade paraibana. Outro sentido que encontra na arte é o de se opor à finitude; uma maneira, mesmo precária, de ficar por aqui.

Na opinião sem efeitos especiais de João, o cinema paraibano, até hoje, só foi possível graças à resistência dos realizadores e da vontade daqueles que criam os espaços de exibição dos filmes. Para ele, a Paraíba é respeitadíssima pela grande produção de curtas-metragens, mas são os longas-metragens que consolidam uma filmografia. Por isso, assegura que 2018 será um ano diferente, pela quantidade e qualidade dos longas que estão prontos para estrear.

O Editor

índice



CINEMA

O cineasta e diretor de fotografia João Carlos Beltrão explica por que 2018 será um ano bastante positivo para o cinema paraibano.



POESIA

A professora Genilda Azerêdo comenta *O visgo das coisas*, segunda reunião de poesia em livro do poeta Expedito Ferraz Jr.



POESIA

O professor Milton Marques Jr. analisa *Mar do olhar*, novo livro de poesia de Juca Pontes, com desenhos de Flávio Tavares.



MEMÓRIA

Assíduo colaborador do "Correio das Artes", o escritor Caio Porfírio Carneiro, falecido no ano passado, é tema de reportagem e artigos.



O *Correio das Artes* é um suplemento mensal do jornal **A UNIÃO** e não pode ser vendido separadamente.

A União Superintendência de Imprensa e Editora
BR-101 - Km 3 - CEP 58.082-010 - Distrito Industrial - João Pessoa - PB

PABX: (083) 3218-6500 - FAX: 3218-6510

Redação: 3218-6509/9903-8071

ISSN 1984-7335

editor.correiodasartes@gmail.com

<http://www.auniao.pb.gov.br>

Secretário Est. de Comunicação Institucional
Luís Torres

Superintendente
Albigeo Fernandes

Diretor Administrativo
Murillo Padilha
Câmara Neto

Diretor de Operações
Gilson Renato

Editor Geral
Felipe Gesteira

Editora Adjunta
Renata Ferreira

Editor do Correio das Artes
William Costa

Supervisor Gráfico
Paulo Sérgio de Azevedo

Editoração
Paulo Sérgio de Azevedo

Foto da capa
João Carlos Beltrão

Ilustrações e artes
Domingos Sávio, Tônio,
Manuel Dantas Suassuna e Beatriz Luna



João Carlos Beltrão:

CINEMA COMO MISSÃO SOCIOCULTURAL E TENTATIVA CATÁRTICO-EXISTENCIAL DE SE OPOR À FINITUDE

William Costa
Editor do *Correio das Artes*

Seu modo discreto o mantém fora do foco das câmeras, porém jamais longe desses equipamentos cinematográficos. Mas as atitudes pacientes, principalmente quando está montando o aparato técnico ou filmando, não significam discrição e, menos ainda, omissão quando é necessário interferir com opiniões decisivas em uma discussão, seja durante o planejamento de um novo trabalho, seja no desenrolar de um encontro de profissionais do audiovisual. Outro paradoxo é que o circunspecto fotógrafo e diretor de fotografia de audiovisual paraibano João Carlos Beltrão, 46 anos, além de muito criativo, tem uma incrível capacidade de trabalho, como prova o vasto currículo que construiu até agora e o que o fez merecedor de vários prêmios e homenagens, a exemplo do Troféu Machado Bitencourt, no Festival Audiovisual de Campina Grande (Comunicurtas) - que batizou um de seus prêmios com o seu nome -,

e o tributo especial que recebeu na terceira edição do Festival Audiovisual do Vale dos Dinossauros (Festissauro). Isto sem falar nas distinções que recebeu como diretor de fotografia em pelo menos uma dezena de curtas-metragens. João é uma referência para as novas gerações de cineastas paraibanos e não são poucos os veteranos que o elogiam publicamente, a exemplo de Vladimir Carvalho e W. J. Solha. Entre outros companheiros de jornada profissional, nos campos da fotografia de cinema, figuram ainda Walter Carvalho, Jane Malaquias, Roberto Iuri, Paulo Jacinto, Valdir de Pina, Manuel Clemente, Jacques Cheuiche



e Mauro Pinheiro Jr.. No rol dos trabalhos marcantes, ele destaca *A poeira dos pequenos segredos*, primeira ficção de Bertrand Lira, no qual pode tratar “uma estória contada no tempo das luzes de lamparinas com muita liberdade criativa”. O cinema, entre outros

significados, é o lugar onde melhor se expressa e no qual procura tocar a si mesmo e aos outros por meio dos filmes que faz, mas é também uma forma de se opor à finitude. Na entrevista a seguir, ele fala das raízes de sua paixão pelo cinema, revela algumas influências e, entre outros assuntos, explica por que 2018 será um ano que ficará marcado na história do cinema paraibano. ▶

*João Carlos Beltrão
filmando o curta-
metragem “Catástrofe”, de
Gian Orsini*



- ▶ **João, para início de conversa, quando, onde e em que circunstâncias você começou a se interessar por cinema, e qual o significado que ele tem para você?**

Assim que cheguei em João Pessoa, vindo de Alagoa Grande (município do Brejo Paraibano, localizado a 103 km da capital), fui morar no Centro, próximo aos cinemas. Mas ir ao cinema era caro para minhas condições. Foi então que o vídeo se popularizou, surgindo daí a oportunidade de conhecer mais filmes. No entanto, somente no curso de Jornalismo, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), é que tive acesso, de fato, ao cinema paraibano. Ainda no curso, agora na condição de bolsista do Núcleo de Documentação Cinematográfica (Nudoc), tive a chance de aprofundar minha identificação com o cinema, meus estudos e contatos com os homens e as máquinas que produzem essa arte. Qual o significado? É o lugar de me expressar, de me tocar e tocar os outros com as imagens dos filmes que faço, além de contribuir com os diretores das obras para a nossa história, memória e identidade como paraibano. Meu trabalho, predominantemente, mesmo fora da Paraíba, ou é com ou sobre paraibanos. Outro sentido, este de foro mais existencial, a catarse, é de me opor à finitude, como qualquer um que busca na arte uma forma de ficar aqui.

TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Paraibano de João Pessoa, onde nasceu aos 30 de abril de 1971, porém criado em Alagoa Grande, jornalista formado pela Universidade Federal da Paraíba, João Carlos Beltrão iniciou sua formação audiovisual no Núcleo de Documentação Cinematográfica (Nudoc) da UFPB. Desde 1997 é técnico em audiovisual do Instituto Federal de Educação da Paraíba (IFPB). Presidiu por dois mandatos a Associação Brasileira de Documentaristas, seção Paraíba (ABD-PB), e representou o segmento audiovisual no Conselho Estadual de Cultura da Paraíba.

Trabalhou com vários diretores de fotografia, entre eles, Walter Carvalho, Valdir de Pina, Jacques Cheuiche, Mauro Pinheiro Jr., Stephan Hess, Roberto Henkin, Jane Malaquias, Roberto Iuri, Paulo Jacinto (Feijão) e Manuel Clemente, nos longas-metragens O engenho de Zé Lins, Pindorama, Cinema, aspirinas e urubus, O sonho de Inacin e Por trinta dinheiros; nos curtas: Passadouro, A árvore da miséria, No meio do mundo e Tempo de ira; no DVD Nove de frevereiro e no doctv Péricles Leal, além de outras produções.

É possível fazer um balanço de suas principais realizações e participações no audiovisual paraibano?

Em 1997, com a “retomada” do cinema paraibano, começo minha jornada como segundo assistente de câmera em *A árvore da miséria*, de Marcus Vilar, e *Passadouro*, de Torquato Joel. Desta fase ressalto dois trabalhos, de singular relevância para a minha função: *Transubstancial*, de Torquato Joel - por causa da dupla exposição do negativo resultar num efeito estético-narrativo do filme -, e *Cinema, aspirinas e urubus*, de Marcelo Gomes - pelo “atrevimento” na fotografia quando ela lida com os limites da latitude do negativo cinematográfico. O melhor exemplo disso é a cena inicial deste filme. (O diretor de fotografia de ambos os filmes é Mauro Pinheiro Jr. João ressalta que fez muito pouco a função de foquista (primeiro assistente) e teve que pular etapas devido à urgência de se produzir cinema na Paraíba). Na primeira metade dos anos 2000, fotografei *O cão sedento*, de Bruno de Sales, e *Alma*, de André Moraes (por este último João foi premiado no Cine PE – Festival do Audiovisual, em 2005). Com a hibridização do digital com a película destaco *Cabaceiras*, de Ana Bárbara Ramos, mais tarde outro documentário *Urânio Picuí*, de Antonio Carrilho e Tiago Melo. Na fase do digital “puro” há muita coisa. Ressaltaria *Antoninha*, de Laércio Ferreira Filho, pela relevância no cenário do audiovisual no Alto Sertão Paraibano. ▶



João Carlos com o cineasta Diassis Pires, outro paraibano apaixonado pelo cinema



Meticuloso, João Carlos preocupa-se com os mínimos detalhes técnicos dos filmes dos quais participa

TRABALHOS EM CINEMA

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA:

Curtas em 16mm: O cão sedento e O teste, de Bruno de Sales, Alma, de André Moraes, O plano do cachorro, de Arthur Lins e Ely Marques, Caldeamento, de Renato Alves (este em fase de finalização).

Curtas captado em digital e transfer para 35mm: Cabaceiras, de Ana Bárbara Ramos, Duas vezes não se faz, de Marcus Vilar, e Água Barrenta (co-direção de fotografia), de Tiago Penna, Ivan Cineminha: o contador de estórias, de Elinaldo Rodrigues, e Uranio Picuí, de Antonio Carrilho e Tiago Melo (co-direção de fotografia).

Curtas em 35mm: Minha bolsa mágica e Cabra de peia, de Rui Lopes, e O moído, de Bruno de Sales (este último em finalização).

Longa filmado em 16mm e ampliado para 35mm: O engenho de Zé Lins, de Vladimir Carvalho (co-direção de fotografia).

► A parceria me parece ser um elemento de muita relevância na sua trajetória profissional...

Exatamente. Destaco também minha parceira com André da Costa Pinto que, no documentário *Amanda e Monick*, fez com que o meu trabalho fosse reconhecido em festivais. Esta parceira prossegue nos longas-metragens, entre os quais sublinho *Tudo que Deus criou* pela importância de uma maneira geral para o cinema paraibano, como ter sido produzido pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), culminando na exibição em circuito comercial nacional.

Com Marcus Vilar, parceiro mais constante de sua geração, fiz um documentário do qual gosto muito, chamado *Jogo de olhar*. Neste, assino a direção de fotografia - teve outros operadores de câmeras, mas, em homenagem ao meu pai, filmei, durante o jogo, só o Campinense. Foi um trabalho prazeroso. Também com Marcus, fotografei meu único filme em preto e branco, *O terceiro velho*, premiado no 8º Comunicurtas, em 2013. Dessa

safra, ainda ressalto *A poeira dos pequenos segredos*, primeira ficção de Bertrand Lira, um filme onde pude tratar uma estória contada no tempo das luzes de lamparinas com muita liberdade criativa. Acho um dos meus melhores

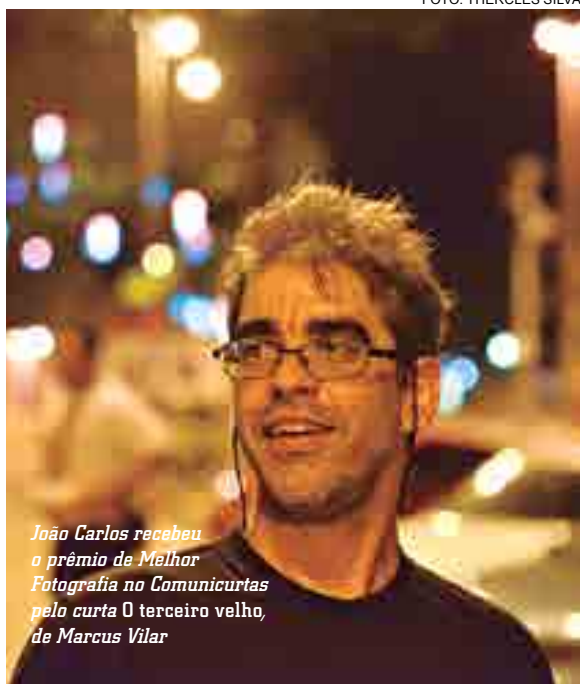
trabalhos, pois tudo funciona super bem: boa história, bons atores, produção cuidadosa. E estes mesmos atributos se repetem no esmerado curta-metragem ficcional de Helton Paulino, intitulado *Ato Institucional*. Quero deixar bem claro aqui que, na minha visão particular, este filme é bastante injustiçado, reputo que pela ousadia no trato do tema, os reflexos no seio familiar dos anos da ditadura militar no Brasil.

Quais os cineastas, assistentes de câmara e fotógrafos de cinema que, de alguma maneira, influenciaram diretamente no seu trabalho? É possível especificar também de que modo essas "ascendências" se cristalizaram?

Um cineasta que me toca e que é sempre uma referência do cinema americano é George Stevens pelo seu ecletismo, seu formalismo (imagens belíssimas e montagem precisa) e tudo em função da história. É um artesão do cinema como, certa vez, me disse o montador João Ramiro Mello, ambos grandes mestres. No meu ofício de captar imagens e tratar a luz tive o prazer de trabalhar com este grande formador, o diretor de fotografia Jacques Cheuíche, fotógrafo de vários filmes de Eduardo Coutinho. A razão da importância dele, para mim, é que, ao final do trabalho, ele vem "limpar" o equipamento com você e ali, junto, ele "passa o leite", transmite o que sabe, o que não é pouco e é exemplo de grande generosidade. ►



Um momento de descontração no set de filmagens de "Catástrofe"



João Carlos recebeu o prêmio de Melhor Fotografia no Comunicurτας pelo curta *O terceiro velho*, de Marcus Vilar

- **Quais os longas, médias e curtas metragens que você considera os melhores já produzidos na Paraíba? E no plano nacional e internacional, quais são os diretores e filmes de sua predileção?**

Não saberia dizer sobre os melhores, mas os que mais me tocam: *Aruanda*, de Linduarte Noronha - também pela sua importância seminal no cinema brasileiro -, *A pedra da riqueza*, de Vladimir Carvalho, *Cinema paraibano 20 anos*, de Manfredo Caldas e Walter Carvalho, *Sertãoamar*, de Marcus Vilar, *Passadouro*, de Torquato Joel, *Desejo citrullus*, de Ana Bárbara Ramos, *Alma*, de André Moraes, *Lamúria*, de Nathan Cirino, *O senhor do engenho*, de Bertrand Lira, *Instrumento detector de alguma coisa*, de Otto Cabral, *Tudo que Deus criou*, de André da Costa Pinto, e *Ato Institucional*, de Helton Paulino. No plano mais amplo, nacional e internacional, não cito filmes e sim diretores que o conjunto da obra - ou uma específica - dialoga com o que acredito cumpra o papel desta arte no seu tempo. Vladimir Carvalho e Beto Brant no cinema nacional; no plano internacional os diretores George Stevens, John Ford, Billy Wilder, Peter Weir e Theo Angelopoulos.

Voltando a nossa realidade, por que 2018 pode se transformar em um marco do cinema paraibano?

A Paraíba é respeitadíssima pela grande produção de curtas-metragens, mas são os longas-metragens que consolidam uma filmografia. Sem dúvida, 2018 será um ano diferenciado, pois há uma grande fornada de longas-metragens paraibanos para estrear e essa produção só foi possível devido ao Fundo Setorial do Audiovisual (FSA) e aos mecanismos locais como, por exemplo, o Edital Walfredo Rodrigues. Você me pede para comentar os filmes que estream agora ou estão para estrear. Restrinjo-me a um, no qual trabalhei: *Rebento*, de André Moraes, que

TRABALHOS EM VÍDEO, DIGITAL E HD

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA

Curtas: *Beba da saudade*, de Fernando Castor, *Corta essa!*, de Renato Félix, *Espigões*, de Juciano Lacerda, *Diário de um suicida*, de Matheus Andrade, *Bernard Hermann – vida e obra*, de Tiago Andrade, *Linduarte e seus personagens*, de João de Lima e Manuel Clemente, *Jornalista marinho*, de João de Lima, *Traços de vida (adicional)*, *O mundo de Yan e Enraizados*, de Niu Batista, *Estibordo*, de Marcelo Coutinho, *Brincantes visionários*, de Elinaldo Rodrigues, *O contar do doce e Extraordinárias estórias em Manecos*, de Tuca da Silva, *Memória bendita*, *O apóstolo do sertão*, *Antoninha e Herdeiras da mentira*, de Laércio Ferreira Filho, *A encomenda do bicho medonho e Amanda e Monick*, de André da Costa Pinto, *Manuel Inácio e a música do começo do mundo* e *O velho do rio*, de Leonardo Alves, *Reencontro*, de Ismael Moura, *Flores que murcham*, de Antonio Galdino Filho, *Lição de fogo (adicional)*, de Larissa Claro, *Luas de Marte (adicional)*, de Chester Fill, *Aqui*, de Torquato Joel, *Negócio de menino com menina*, *Jogo de olhar* e *O terceiro velho*, de Marcus Vilar, *A caixa d'água do sertão*, *Um homem de borracha e Lampião e o cimento (co-direção de fotografia)*, de Diassis Pires, *Travessia*, de Kennel Rógis, *Olhar particular*, de Paulo Roberto, *As folhas e O vendedor de coisas*, de Deleon Souto, *Sonho de novo*, de Sandra Buriti, *Tocando um baixo*, de Katiane dos Anjos, *O homem e a serra*, de Luiz Cacau, *Na cabeça do povo*, de Helena Maria Pereira, *Escravos de Jó*, de Daniel Araújo, *Tratamento*, de Cássia Lobão, *Ricardo, um grande homem*, de Marcelo Cardins, *Ato Institucional*, de Helton Paulino, *A poeira dos pequenos segredos*, de Bertrand Lira, *Catástrofe*, de Gian Orsini, *Amador*, de Nathan Cirino, *Sala de reboco – a história de Zé Marcolino*, de Ana Célia Gomes, *Sobre cabelos*, de Lincoln Ferdinand, *Lourdes Ramalho: um conto contado por ela e Quando batem as seis horas*, de Mikaley Batista, *O terceiro prato*, de Pablo Maia, *Em nome do pai (exposição)*, de Claudio Brito, *Redemunho*, de Marcélia Cartaxo, *Rasga mortalha*, de Patrícia de Aquino (em finalização), e *Deus não acredita em máquinas (em finalização)* de Ely Marques.

Média: *Ariano Suassuna: cabra de coração e arte ou o cavaleiro da alegre figura*, *Ariano – Aula espetáculo tributo a Capiba*, *Ariano Armorial (em finalização)* e *Ler veredas (em finalização)*, de Claudio Brito.

Longa: *O herdeiro de avôhai*, de Elinaldo Rodrigues, *Ariano: Suassunas e Euclides: o peregrino das palavras*, de Claudio Brito, *Tudo que Deus criou (exibido em circuito comercial)*, *O tempo feliz que passou*, *Antes do parto e Ratoeira*, de André da Costa Pinto (estes dois últimos em finalização), e *Rebento*, de André Moraes.



O terceiro velho foi o único filme fotografado em preto e branco por João Carlos

▶ dispunha de baixíssimo orçamento para um longa-metragem ficcional (R\$ 440 mil), rodado na capital, arredores e 90% dele no Alto Sertão da Paraíba, envolvendo a cidade de Aparecida e cidades circunvizinhas. Filme com elenco maravilhoso, entrega total de sua atriz protagonista, Ingrid Trigueiro, e, por causa da mão sensível de André, regendo as questões da mulher e suas dores, ele nos traz um filme autoral, com força e substância no tema tratado, bem como com a mesma intensidade e valor quanto às questões técnicas (direção de arte, direção de fotografia, trilha sonora e edição). André da Costa Pinto está com um novo longa – *O tempo feliz que passou* - circulando em festivais. Outro longa, escrito e dirigido por ele, rodado integralmente no Rio de Janeiro, mas com equipe e estrutura técnica local, *Ratoeira*, com estreia prevista para março, conta a história de uma “arapuca amorosa”. Ele também está gravando um documentário, intitulado *Madame*, sobre uma ativista LGBT paraibana que reside na França. Neste cenário, temos também os telefilmes. Vânia Perazzo, depois de longa ausência, está de volta ao set. E Bertrand Lira vem com um telefilme documentário baseado nos contos de Laura, personagem do ator e maquiador William Muniz, intitulado *Trago seu amor de volta*. No meio da produção “institucionalizada”, porque, do Instituto Federal de Educação da Paraíba (IFPB), Claudio Brito está concluindo o longa documentário *Braulio Tavares: saga e sina silibrina*, sobre o escritor e músico “campinagrandense”, já que Braulio é torcedor

do Treze. O que se vislumbra, para este ano, é a oportunidade de nos vermos na tela, através de vários realizadores de diversas gerações e formações, uma vez que estão produzindo ou já concluíram suas obras Marcus Vilar, Torquato Joel, Eliézer Rolim, Vâ-

nia Perazzo, Bertrand Lira e, entre os mais novos, André da Costa Pinto, André Morais, Arthur Lins, Ely Marques, Claudio Brito, Tavinho Teixeira, Otto Cabral, Diego Benevides e Rodolpho de Barros. Pelo fato de várias destas produções serem longas-metragens, elas consolidam nossa filmografia e vislumbram, também, as salas comerciais.

De um modo geral, como você analisa o cinema paraibano contemporâneo, levando em conta o esforço individual e coletivo dos profissionais da área, os patrocínios públicos e privados, as mostras que acontecem na capital e no interior do Estado e os núcleos universitários de formação em audiovisual?

O cinema paraibano, até hoje, só foi possível graças à resistência dos realizadores, superando todo tipo de obstáculo, e da vontade daqueles que criam ▶



O curta Sonho novo, de Sandra Buriti, também rendeu a João Carlos o prêmio de Melhor Fotografia no Festissauro

PREMIAÇÃO DE MELHOR FOTOGRAFIA

Alma, de André Morais, no Cine PE – Festival do Audiovisual 2005 – em 16mm.

Amanda e Monick, de André da Costa Pinto no 6ª Curta Santos – 2008 – Troféu Maurice Legéard.

Enraizados, de Niu Batista, no IV Fest Aruanda – 2008 – Troféu Aruanda.

Travessia, de Kennel Rógis, no IV Curta Taquary – 2011.

Antoninha, de Laércio Filho no II Curta Coremas – 2012

O terceiro velho, de Marcus Vilar, no VIII Comunicurtas – 2013 e na Mostra Cinesesc PB – 2014.

Sobre cabelos, de Lincoln Ferdinand, no IV Curta Coremas – 2014 e no II Festissauro – 2015,

Sonho novo, de Sandra Buriti, no III Festissauro – 2016.

Redemunho, de Marcélia Cartaxo, no IV Festissauro – 2017.



FOTO: JOÃO CARLOS BELTRÃO

*Cena de Rebento,
de André Moraes,
longa cuja direção de
fotografia é assinada
por João Carlos*

♦ os espaços de exibição de nossos filmes, como os festivais e mostras. Sempre contamos, para a produção de um filme, com a “forma possível”, não com a “forma ideal”, devido à falta de apoio do poder público. Isso se aplica às ações de formação, como os projetos Paraíba Cine Senhor, coordenado por Orlando Júnior, e o Jabre (Laboratório de Cinema para Jovens Paraibanos), por Torquato Joel e Virgínia Gualberto. Nas ações de difusão, temos a Mostra Acauã, capitaneada por Laércio Ferreira Filho, em Aparecida, o Festivsauro, em Sousa, e o Cine Congo, no Cariri Paraibano. E pelas dificuldades, principalmente de ordem financeira, porque obstinação tem de sobra, várias destas ações são sazonais. O que é uma pena, porque a Paraíba tem uma particularidade. Fruto destas ações que mencionei, ela tem uma produção capilarizada, ou seja, todo o estado produz, do Litoral ao Sertão, resultando em obras tecnicamente bem-feitas e estórias relevantes, para dar conta de nossa memória, identidade e cultura. Podemos citar Campina Grande, com vários núcleos de produção, entre os quais ressalto o grupo da Vermelho Profundo, André da Costa Pinto e Érick Medeiros, a Acauã Produções Culturais, em Aparecida, Deleon Souto, em Patos, Ismael Moura, em Cuité, e Dhiones, no Congo, sem contar a capital, concentra muitos núcleos por razões óbvias.

O que de mais importante

falta, neste momento, para o cinema paraibano manter um desenvolvimento, digamos assim, consistente?

Faltam espaços (salas de cinema qualificadas) para a exibição de nossos filmes. No estado temos uma sala pública, o Banguê, somente. Campina grande, com seu protagonismo no nosso audiovisual, não tem uma sala pública de exibição, o que temos são os inadequados “espaços multiuso”. Outro ponto diz respeito à produção, ou seja, os valores financiados não são condizentes com a realidade de um filme, o que torna precário o trabalho do profissional dessas produções, uma vez que não é respeitado, por exemplo, o piso salarial posto em tabela.

No plano geral, a Agência Nacional de Cinema (Ancine) - que acaba de ganhar um novo diretor - Christian de

Castro - tem cumprido bem a sua missão institucional de “desenvolver e regular o setor audiovisual em benefício da sociedade brasileira”?

Como falei de 2018, a Ancine tem cumprido parte de seu papel, induzindo o desenvolvimento do audiovisual no Brasil inteiro. Por exemplo, Torquato Joel filmou o seu primeiro longa-metragem, Marcus Vilar está finalizando o seu segundo longa-metragem. No entanto, em Pernambuco, a geração deles está no quarto, quinto ou sexto longa. Outro paralelo deste contexto é André Moraes (geração 2005) que estreou *Rebento*, seu primeiro longa, no Festival de Tiradentes deste ano (26 de janeiro), enquanto Torquato (superoitista dos anos 80) filma *Ambiente Familiar*, seu primeiro longa (documentário). ✖

PARA A TV

TV Cultura: Doc/TV IV da Paraíba: Sanhauá, de Elinaldo Rodrigues

Canal Brasil – Programa Retratos Brasileiros: Cineasta da terra - Linduarte Noronha, de Manfredo Caldas.

Globo Nordeste para especial São João do Nordeste do programa da afiliada PB TV Cabo Branco: 2008 – Título: Elba Ramalho e os sentidos do São João; 2009 – Título: Vixê como tem Zé (sobre Jackson do Pandeiro), ambos direção de Durval Leal.

HOMENAGENS

V Comunicurtas – Universidade Estadual da Paraíba – Troféu Machado Bittencourt pela contribuição da obra ao cinema paraibano – 2010. Instituição do Prêmio João Carlos Beltrão de Melhor Plano Cinematográfico. Homenageado no III Festivsauro – Sousa – Paraíba – 2016.

William Costa é jornalista e escritor. É cronista e editorialista de *A União* e editor do *Correio das Artes*. Mora em João Pessoa (PB).



Tela de Flávio Tavares, inspirada na vida e obra do escritor e político José Américo de Almeida

livros

A Bagaceira, 90 anos

José Nunes

Especial para o *Correio das Artes*

No dia 28 de fevereiro de 1928, numa modesta edição de pequena tiragem editada pela Imprensa Oficial da Paraíba, custeada pelo autor, o romance *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, foi lançado no mercado e logo se tornaria um marco na história da literatura brasileira. Durante nove décadas este livro emblemático ganhou sucessivas edições, conquistou leitores, tornando-se uma obra-prima, penetrou nas universidades e parece ter vida ainda mais longa.

Indagado a respeito da elaboração do romance, José Américo respondeu: “Primeiro fiz um monstro de todos os materiais que, conforme eu sentia, eram partes do meu corpo e da sua alma: o Sol, a lama, os instintos, o destino...”. Guardou por um tempo até esquecê-lo, envergonhado, como disse numa entrevista em 1944. Tempo depois retornou ao texto, já sem o saber de cor, reescreveu e guardou. Finalmente, repetiu a experiências duas ou três vezes, até chegar ao que se tem hoje como edição definitiva.

A começar pelo título, o livro chama atenção porque bagaceira é o lugar, no engenho, onde se espalha o bagaço de cana para secar e representa, figuradamente, objeto sem importância, gente miserável.

A Bagaceira é um romance que atrai pela beleza estética da narrativa, seduz pela abordagem do relacionamento humano sempre em voga na literatura, que é o amor e, sobretudo, ganha destaque com as descrições de ambientes rurais. O relacionamento entre pessoas,

a busca de sua sobrevivência numa região desértica como o Sertão do Nordeste, o drama do homem com os fenômenos climáticos e a degradação da natureza têm um espaço privilegiado neste livro.

Publicado quando o autor tinha 38 anos, *A Bagaceira* construiu uma empatia com o leitor, prendendo-o com corda de caroá para tê-lo sob suas páginas, da primeira à última, numa leitura que o enche de prazer.

Os personagens principais da obra são Dagoberto Marçau, seu filho Lúcio, a cabocla sertaneja Soledade, Pirunga e Valentin. A história se passa entre 1898 e 1915, período em que ocorreram estiagens e o autor aproveita o fenômeno climático para formular denúncias sobre a injustiça social no Nordeste.

Também se percebe no livro, um confronto entre o homem do Sertão e do Brejo (onde existiam os engenhos de rapadura e de cana-de-açúcar), abordando uma problemática que se arrastava por séculos.

Destaquem-se nesta obra, três aspectos socioculturais assinalados:

O sertanejo rústico, com sua ética arcaica e violenta; a brutalidade do senhor de engenho, representando a velha oligarquia; e a civilização moderna, urbanizada representada em Lúcio.

Lúcio quer a modernização da vida rural, levando o saber para os filhos dos cambiteiros, melhor habitação, quer pôr fim a ▶

▸ semiescravidão ainda existente. Contrapondo-se ao pai, Dagoberto, para quem, “o que disse está dito!” ou “o que está na terra é da terra!”.

Outro ponto a se destacar é o uso da linguagem e ditos comuns nas regiões do Sertão e do Brejo, seja pela boca de personagens letrados ou incultos com seu vocabulário simplório do nordestino rural ou citado pelo autor. São pontos destacados por estudiosos como Alceu Amoroso Lima, M. Cavalcanti Proença, Ângela Bezerra de Castro e outros.

Quando apareceu, no centro cultural Rio e São Paulo, o livro causou reboliço após sua apreciação por críticos literários como Alceu Amoroso Lima, que o saudou com efusivos elogios e sem ressalva, porque via uma abordagem nova e um tanto crua da realidade humana do Nordeste. O livro apareceu logo após a Semana de Arte Moderna, para a qual deu uma resposta.

INFLUÊNCIA SHAKESPEARIANA

O autor foi buscar na literatura inglesa as motivações que dão corpo aos personagens de seu drama, que se tornaram ainda mais humanos e reais. Um drama brejeiro/sertanejo, com todos os ingredientes do amor e ódio, sentimentos mundiais que premiam as grandes obras de arte, por isso se tornou um grande livro.

Como num drama shakespeariano, em *A Bagaceira*, a disputa do amor da sertaneja Soledade entre pai e filho é uma das páginas que enriquecem a literatura brasileira.

O poeta, escritor, artista plástico e ator Waldemar José Solha, que atuou no filme *Soledade*, de Paulo Tiago, baseado n'A *Bagaceira*, percebeu a presença de Shakespeare na obra de José Américo.

Solha, depois de muito refletir, viu essa semelhança. “Atinei que todos os personagens do Zé Américo tinham equivalentes no Hamlet. Que loucura!”, escreveu. Lógico que foi contestado por José Américo, que negou o plágio.

Um drama shakespeariano desenvolvido nas paisagens do Brejo paraibano, região rica de encantos da natureza, para onde em tempos passados se dirigiam senhores que exploravam suas terras, para o cultivo da cana-de-açúcar, e os sertanejos tangidos pela seca, que ali se refugiavam.

Ao tempo em que José Américo faz uma abordagem das paisagens e dos crepúsculos da região do Brejo da Paraíba, revelando-se conhecedor da flora e da fauna desta região, o livro atrai os leitores para o comportamento da paisagem humana, onde estão rostos de pessoas sofridas, igualmente bem descritos.

Nas primeiras linhas de *A Bagaceira*, o autor nos coloca na paisagem rural do engenho Marzagão, aonde Dagoberto Marçau, findo o almoço, contempla o horizonte, olhando a paisagem como numa forma de sair de casa, para encontrar-se consigo mesmo. É nessa paisagem que o senhor de engenho, solitário na sua viuvez de quase duas décadas, redobra suas energias espirituais para viver seu dia a dia.

Expulsa com seus familiares e demais gentes do Sertão, por “espadas de fogo”, Soledade, esta sertaneja, bela e atraente, cabocla que tinha o cheiro da terra úmida, atçou o amor sensual no senhor de engenho e no seu filho o desejo de possuí-la. “Amor – pólvora que se acaba com a primeira explosão”, cita José Américo.

A personagem feminina é outro aspecto a se observar neste livro, na pessoa de Soledade, porque o autor dá-lhe realce que ganha conotações de destaque na literatura brasileira. Soledade é uma personagem atraente. De uma beleza rara, que sobreia das moças brejeiras, mesmo sendo belas e atraentes.

Se na literatura nacional as figuras femininas têm espaço reservado, como destacam José de Alencar, Aluísio Azevedo, Ma-

chado de Assis, Joaquim Manuel de Macedo, Visconde de Taunay e outros, é certo que depois dele, outros autores elevaram com bastante força a presença da mulher como protagonista de seus livros, bastando citar José Lins do Rego, Jorge Amado e Graciliano Ramos.

RESUMO DE UM GRANDE DRAMA

A seca trouxe até a região de Areia, no Brejo paraibano, uma leva de retirantes do Sertão, onde é desenvolvido todo o drama do romance.

Seis personagens se destacam no livro, cada um com seu papel e que se interligam.

Valentim Pereira, sua filha, Soledade, e o irmão de criação, Pirunga, pedem abrigo no engenho Marzagão do coronel Dagoberto Marçau, viúvo, que guarda o estilo patriarcal. Seu filho, Lúcio, é estudante de Direito em Recife, único herdeiro das terras e de tudo o que nela existe. O feitor Manoel Broca é o capataz que representa a força e cumprimento da ordem.

Lúcio e Soledade nutrem afeto, mas, hesitante, ele não tem certeza de que seria capaz de manter a jovem junto ao mundo urbano, onde está acostumado a viver.

Tempo depois, quando retorna das férias, Lúcio toma conhecimento que Soledade tinha sido seduzida. O pai da moça, Valentim, comete assassinato. Lúcio se oferece para defender o assassino. Pirunga assume a ideia de vingança e termina causando a morte de Dagoberto.

Com a morte do pai, Lúcio assume a administração do engenho e dá início à modernização da propriedade, tornando a produção da terra mais humanizada, pondo fim ao circuito de vingança.

Anos mais tarde, Soledade, envelhecida, deixa o menino com Lúcio e volta ao Sertão. ■

José Nunes da Costa é jornalista, escritor e diácono. É sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) e autor, entre outras obras, de *Lira dos 40 anos* (1994, poesias), *Ariano Suassuna* (2002, biografia), *Ascendino Leite - vida e obra* (2005, estudo crítico, em parceria com Angélica Nunes) e *O cajueiro e os cronistas* (2017, crônicas). Mora em João Pessoa (PB).

O Sol posto não se desfaz

Rau Ferreira

Especial para o *Correio das Artes*

Por esses dias deparei-me com um artigo do amigo Lau Siqueira, publicado no “Correio das Artes”, que fala da memória perdida e sua busca pela biografia de alguns ilustres (esquecidos) paraibanos. Dentre eles estava o meu biografado: Silvino Olavo da Costa.

Após uma meteórica carreira na imprensa nacional, com diversas publicações inclusive fora do país, feneceu em uma colônia de alienados, tomado que fora pelos fatos que antecederam a “Revolução de 30”.

Poeta, jornalista, escritor, advogado, promotor de justiça, orador e político... Silvino Olavo era uma *inteligência multiforme*¹.

Nasceu na Banabuyé (hoje Município de Esperança) em 1897, filho de Manoel Joaquim Cândido e Josefa Martins Costa, sendo o primogênito de vinte e um irmãos.

Ainda moço conheceu uma jovem de sua terra natal, por quem se apaixonou, cuja história mais parece um conto shakespeareano já que as famílias eram rivais na política.

Contrariado, foge para a Capital parahybana e vai se refugiar na casa de sua tia Henriqueta Maribondo; matricula-se no Colégio Pio X onde, por três vezes consecutivas, recebe a medalha de honra ao mérito por seu desempenho estudantil. Desde então se mortificara nos versos esse amor desolado.

*Na alma do homem
só devia ter lugar
para duas coisas: o
sonho e o amor.*

Silvino Olavo

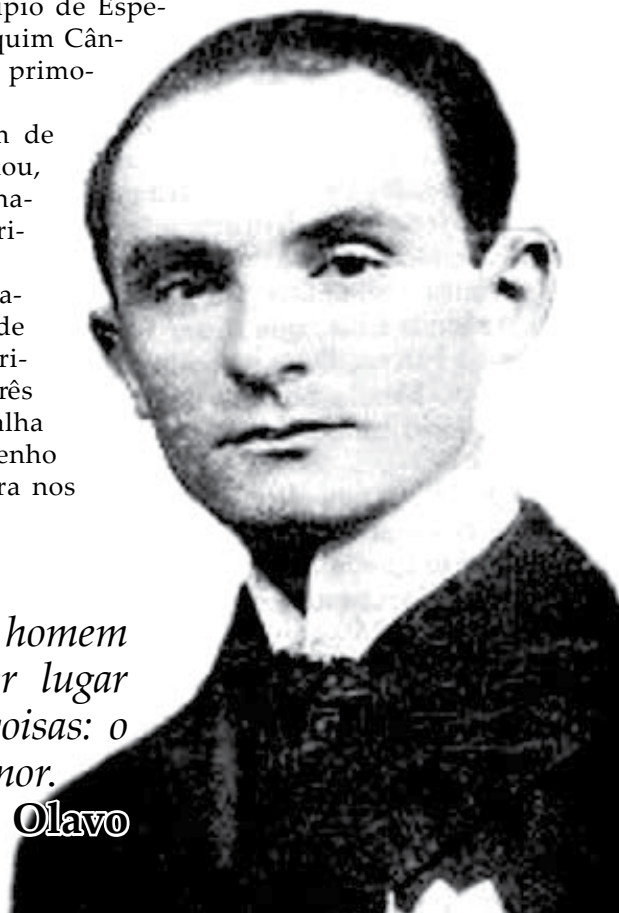
Concluído os estudos secundários, presta exame vestibular e vai cursar Direito na capital da República.

No Rio de Janeiro, se hospeda na pensão do casal Zuch, na rua da Carioca; trabalha nos Correios e atua como revisor de jornais para ajudar na mesada que o pai lhe enviava mensalmente. Participa de algumas publicações locais e colabora para a revista da faculdade.

Silvino foi o orador de seu bacharelado. O seu discurso “Socialização e Estética do Direito” é editado e vertido para a língua inglesa. Nessa mesma época publica *Cysnes*, seu primeiro livro de poesias.

Retorna à Paraíba, é nomeado 1º Promotor Público da Capital e se torna membro do Conselho Penitenciário. Pouco depois ini-

FOTO: DIVULGAÇÃO



¹ Luiz Pinto, in: A influência do Nordeste nas letras brasileiras. Ed. J. Olympio: 1962, p. 142.

► cia um levante para emancipação de sua Vila e, por ocasião da inauguração do sistema de luz, faz o importante pronunciamento: “Esperança - Lyrio Verde da Borborema – terra de juventude e de fé”.

Por esse tempo vem a lume *Sombra Iluminada*, o seu segundo livro de poesias; e *Cordialidade*, um estudo literário. Além de ser aprovado, por concurso público, para o cargo de Fiscal do Imposto Federal.

Tendo contribuído para a eleição de João Pessoa é nomeado seu chefe de gabinete; e quando este, rompendo a hegemonia política do “Café com Leite”, decide se lançar vice-presidente na chapa encabeçada por Getúlio Vargas, Silvino se torna o seu maior cabo eleitoral, tornando-se o primeiro a usar a expressão “Nego” na imprensa nacional, declarando-lhe as razões em artigo de jornal.

Fundador do “Grupo dos Novos” com Amarílio de Albuquerque, Eudes Barros, Américo Falcão e Peryllo D’Oliveira, realiza saraus nos quais participa Anayde Beiriz.

A jovem professora que ganhara um concurso de beleza mantinha um romance com o maior opositor de João Pessoa.

De repente, o poeta se viu envolvido num turbilhão de acontecimentos cujas consequências todos nós sabemos.

Após a morte do governador, ocorrida no Hotel Glória do Recife, Silvino é internado com uma crise nervosa na Colônia “Juliano Moreira”. Entra e sai algumas vezes da instituição, mas é definitivamente interdito.

Foram anos de ostracismo, até que o seu cunhado Waldemar lhe resgata para o convívio familiar na Fazenda “Bela Vista”.

Silvino Olavo faleceu em 29 de outubro de 1969.

FATOS CURIOSOS

Trata-se de Alguém, que ao meio dia, / Águas vivas queimaram...

Silvino Olavo

Silvino Olavo é o maior representante do Simbolismo na Parahyba, tendo se destacado ainda como confrade da Tertúlia Acadêmica Pernambucana e da Academia de Letras e Ciências do Rio de Janeiro.

Foi dirigente da Embaixada Parahybana de Futebol, por ocasião do Campeonato Brasileiro disputado nos anos 20 e Presidente da Delegação Paraibana de Imprensa no decênio seguinte.

Redator-chefe d’*O Jornal*, periódico paraibano dos anos 30, dirigido por José Gaudêncio; produziu para quase uma centena de revistas nacionais.

Foi o primeiro a ler *A Bagaceira* de José Américo de Almeida, levando-a até João Suassuna que, no gozo de sua amizade, autorizou a publicação na imprensa oficial.

Também foi o primeiro a louvar o grande poeta Augusto dos Anjos, em artigo publicado n’*A União* sob o título “O gênio parahybano”, quando muitos lhe desprezavam, rotulando de esquisitice aquela poesia do *Eu*.

Na plêiade de poetas amigos, e de amigos escritores destacaram-se: Murilo Araújo, Andrade Muricy, Austro-Costa, Perillo D’Oliveira, Oris Barbosa, Virgínia Vitorino, Alzira Tacques, Théo Filho, Eudes Barros, Hyldeth Fávila, Carlos Dias Fernandes, Analice Caldas, Anayde Beiriz, Mário de Andrade e Raul de Góes.

Nos ensaios sobre a sua produção literária, sobressaem: Climério da Fonseca, Carlos Dias Fernandes, Samuel Duarte, José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Adelino Magalhães, Agripino Grieco, Rocha Pombo, Haroldo Daltro, Malta Tahan, Nestor Victor, o argentino Emílio de Ibiarra, Osório Duque de Estrada, Hermes Fontes, Gemy Cândido, Magna Celi, Simone Vieira Batista, Alex Giuseppe Valentim e Roberto César Meira.

OBRA POÉTICA

“O verso é para mim um ânfora santa/ em que só devo por a minha emoção mais pura. Silvino Olavo

O legado de Silvino Olavo é sua vastíssima obra literária. Muitos se debruçaram sobre seus escritos, para desvendar-lhe os segredos.

Cysnes foi impresso nas oficinas Empresa Brasil Editora. Esse volume tem 170 páginas e gravuras de Angelus. O livro todo é melancólico.

Em *Sombra Iluminada* há um espiritualismo de renúncia e sensualismo. É todo ele dedicado à João Suassuna, a quem chama de “eminente e generoso amigo”. Possui o volume 98 páginas, com capa de Cornélio Pena, num claro exemplo de Art-Nouveau. A figura aterrorizante do personagem parece se confundir com o título da obra, reflexo de uma alma amargurada e combatida pela doença.

Badiva reúne alguns poemas até então inéditos. Esse livro foi lançado em 1997, por ocasião do centenário de nascimento do poeta. É prefaciado por Amaury Vasconcelos, ex-presidente desta Casa, com comentários do professor Matusalém Souza. Tem 119 páginas e foi impresso nas oficinas gráficas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Cordialidade, estudos literários – 1ª Série – Nova York comenta obras literárias que chegaram as suas mãos, cujos textos, em sua maioria, me foi possível recompor.

É o próprio autor que anuncia, em seu último livro, a sair as seguintes obras: *Homens de Comando* (Sociologia), *Flora Macerada – Poemas em prosa, Santos de Casa* (Estudos literários) e *Cordialidade* (2ª parte).

A despeito de *Flora Macerada*, ensaia o autor uma escrita moderna, arrojada e diferente de tudo que vinha sendo feito.

Em seu discurso – sem preocupações de sintaxe –, manifesta uma linguagem denotativa-conotativa, para falar da amada, aquela cuja voz assemelha-se a “um órgão, a morrer na distância”, em cujos olhos “ve-

- ▶ lados de luzes pensativas e pupilas sedosas, brilhavam duas pérolas pálidas”.

São os extremos do amante, que descreve a sua musa como uma deusa de Antenas: deslumbrante, porém rígida; posta em um pedestal, indiferente e intocável, dando-lhe vida no mundo da imaginação poética.

Destaco, ainda, o manuscrito de *Alfa de Centauro*, que ainda aguarda publicação. Esse material, escrito em seus lampejos, organizei em seis partes, respeitadas as suas fases. Havendo interesse, e permissão dos familiares de Silvino Olavo, ainda hei de editar mais essa obra para o cenário poético da Paraíba.

Gemy Cândido, crítico literário e seu conterrâneo, escreve² que a sua poesia é de amargura, pessimismo e sombria inquietação. A sua poética pode ser comparada a Cruz e Souza.

E acrescenta Alves Pedrosa: “Não é que ele seja um poeta triste, apenas sabe ser sincero e deixa bem expressiva a sua vida, amenizando a dor com uma alegria que o acompanha sempre e que também é manifestada em seus versos³”.

Carlos Chiacchio o chamava de “contemplativo sentimental⁴”, enquanto José Jófily ressaltava a sua afinidade poética com Augusto dos Anjos⁵.

Quem não conhece a sua obra, dificilmente imaginaria que frases como “silêncio lúgubre das lousas”, o “cadáver do amor que tu mataste” ou a “lividez da morte” seriam vis usos do *Cysnes*.

Além de simbolista, identificamos nos seus poemas traços parnasianos e, muito além, caracteres modernistas que lembram o

estilo de Manoel Bandeira (“Rosa da Minha Vida”, “Deslumbramento”, “Noite de São João” e “Noturno Tropical” são alguns exemplos).

Esta última vertente, podemos identificar em muito de seus pseudônimos, a exemplo de “João da Retreta”.

Na página intitulada “Musa Fútil” da *Revista Era Nova*⁶, encontramos um pouco dessa síntese poética:

Ah! Só ela não passa... As outras passam rindo;
Hilda Netto, Dulce Aragão, Laudicéa,
Lourdes Borges, Nevinha Oliveira – Phrinéia...
Ivete Stukert, Hilda Seixas... Povo lindo!
Branca Siqueira, Odete Gaudêncio, Flaviana Oris,
Bulhões, Renato Azevedo, Juvêncio Lyra, Humberto Paote,
o maestro Bayard, Ida Luna, Peryllo ô, ô, ô que zuada!
Silêncio! Anayde Beiriz!!! Puxa que falta de ar! Analice, Nautília,
Elísia, Onélia Lins...
Paraíba - Cidade dos jardins.
Quanta gente sem juízo!
Se isto é inferno ninguém neste inferno se salva.
As vezes penso que isto aqui é um paraíso
E não é bago... Adeus Geny, você já vai?

Neste sentido a crítica do professor José Mário da Silva Branco, intelectual recém-eleito para esta Academia, me pareceu bem pontual:

“Em Silvino Olavo, sem embargo da presença dos aspectos imagéticos e sonoros que percorrem as camadas materiais dos seus poemas, vê-se a ostensiva predominância de uma lírica que se pretende, fundamentalmente, ser um constante pensar sobre a vida, seus fascínios, mistérios e complexidades.

Leiam os versos de “Postal...”, publicados em seu *Cysnes*, que veio à lume em 1924, pela Brasil Editora:

Tenham-te inveja as rosas do jardim,
para que os homens, invejando a mim,
reputem-me feliz entre os mortais;
e possa então o amor que me incendeia,
travez o incendio da retina alheia,
crescer dentro de mim cada vez mais...

Versos decassilábicos perfeitos, cartografia exata de um poeta que exibia pleno domínio do seu ofício”. ✦



Silvino Olavo
fotografado em 1924

Rau Ferreira ocupa atualmente a Cadeira nº 35 da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG), cujo patrono é Silvino Olavo, além de ser sócio efetivo do Instituto Histórico de Campina Grande (IHCG). É autor, entre outros livros, de *Silvino Olavo* (Epgraf: 2010), *João Benedito: O Cantador de Esperança* (Edições Banabuyé: 2011) e *Banaboé Cariá: Recortes da Historiografia do Município de Esperança (A União: 2016)*. Reside em Campina Grande (PB).

² História Crítica da Literatura Paraibana. João Pessoa/Pb. A União Editora: 1983.

³ Rua Nova. Ano II, Nº 56. Rio de Janeiro/RJ: 1926.

⁴ Carlos Chiacchio: ‘Homens & obras’: itinerário de dezoito anos de rodapés semanais em A Tarde, Vol. 5, Coleção Cabralia, Vol. 2, Publicações da Academia de Letras da Bahia, Dulce Mascarenhas, Ed. Fundação Cultural do Estado da Bahia: 1979.

⁵ MAURÍCIO, João de Deus. A vida dramática de Silvino Olavo. Unigraf. João Pessoa/PB: 1992. Prefácio de José Jófily.

⁶ Era Nova, Revista. Edição de 1º de maio. Parahyba: 1925.

Saramago

e o Brasil:

UMA RELAÇÃO ALÉM DOS ROMANCES

Linaldo Guedes
linaldo.guedes@gmail.com

O Brasil cruzou várias vezes os caminhos do escritor português José Saramago. Não apenas no romance *O ano da morte de Ricardo Reis*, mas também a ideia do livro *A caverna* (2000) foi alinhavada no Brasil, além de várias outras referências a pessoas ou fatos brasileiros que fizeram parte de sua vida, como revela o livro *Saramago: Biografia*, de João Marques Lopes, Editora Leya.

O ano da morte de Ricardo Reis (1984) talvez seja o mais célebre exemplo dessa relação de Saramago com o Brasil. Conta o livro de João Marques Lopes que Saramago teria trabalhado na preparação da obra entre 1983 e primeira metade de 1984. Invoçando suas memórias da Lisboa dos anos 1930, consultando edições de jornais da época e lendo o brasileiro Edgar Carone, historiador marxista que faleceu em 2003. A trama inicial do livro é bastante conhecida: regressando do Brasil após 17 anos de exílio voluntário devido ao desgosto com a restauração da Primeira República e fugindo agora com medo da Intentona Comunista das forças de Luís Carlos Prestes, Ricardo Reis rumo para Lisboa.

Curiosamente, Saramago, fora da ficção, já havia pensado em se

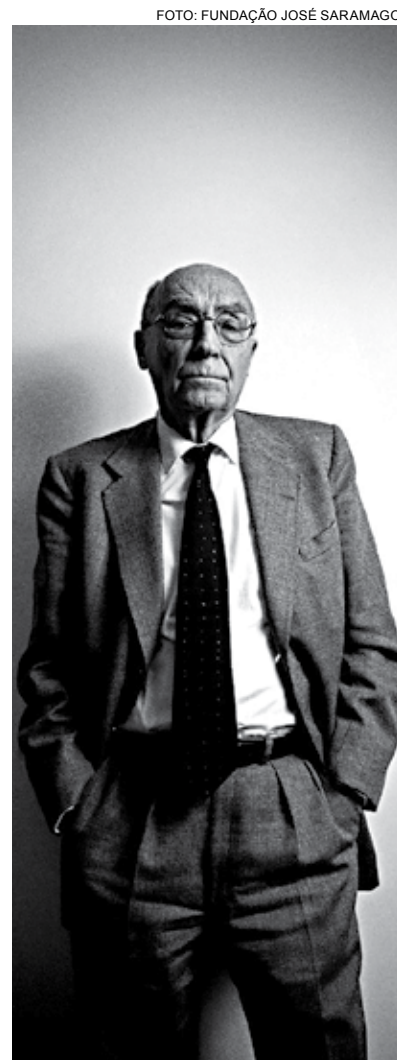
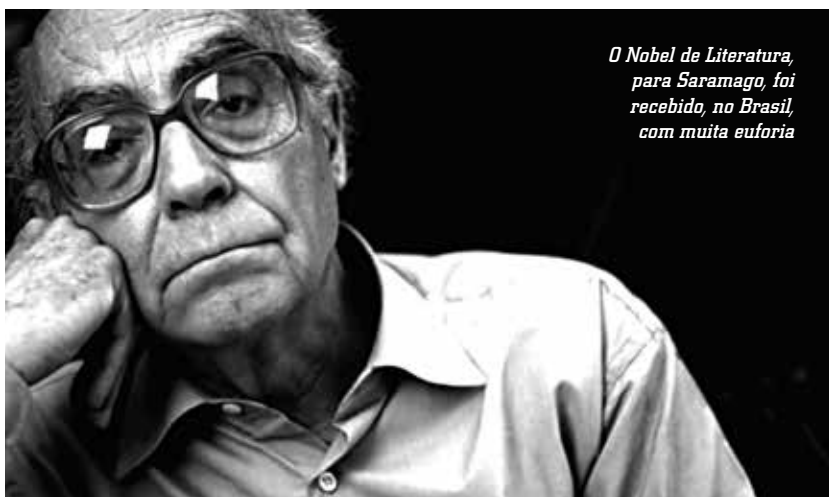


FOTO: FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

José Saramago (1922-2010), escritor português, autor de Ensaio sobre a cegueira

exilar no Brasil. Em cartas a José de Sena e a Nataniel da Costa, datadas de 1963, ele considera os tempos em que escreveu e reuniu as poesias que fariam parte de *Os poemas possíveis* (1966) como desgastantes em termos emocionais e chega mesmo a ponderar sobre a hipótese de emigrar para o Brasil. O livro era tributário de uma estética neoclássica, em um tempo em que predominava em Portugal os caminhos vanguardistas da poesia experimental.

Sobre o romance *A caverna*, a obra de João Marques Lopes re- ▶



O Nobel de Literatura, para Saramago, foi recebido, no Brasil, com muita euforia

▶ lata que no final de novembro de 1997, ao visitar um museu de arte popular no Rio de Janeiro, a ideia inicial de dois meses antes de escrever um romance intitulado *O centro* desenvolveu-se. Assim o próprio Saramago narra o episódio, nos *Cadernos de Lazarote*: “Foi neste museu, contemplando umas figuras de barro, ouvindo Luís Schwarcz, a poucos passos de distância, que dizia ‘Estes aqui podiam ser o princípio de um romance de José Saramago’ (representavam dois camponeses de pé, conversando, como se tivessem acabado de encontrar-se no meio do caminho), foi neste museu, olhando estas figuras, sentindo agudamente a presença de todas as outras, que, de súbito, saltou na minha cabeça a centelha que andava a faltar-me para que a ideia de *A caverna* venha (talvez) a tornar-se um livro”.

Aliás, ao decidir exilar-se nas Ilhas Canárias, quando escreveu os *Cadernos de Lazarote* (1994), Saramago recebeu a visita de muitos jornalistas, pesquisadores, fãs. Entre eles, o pesquisador brasileiro Horácio Costa, autor da tese de doutorado intitulada “José Saramago: o período formativo”. Horácio Costa, aliás, é citado em outro momento do livro, quando fala de como o Nobel de Literatura, para Saramago, foi recebido, no Brasil, com muita euforia e entusiasmo e os principais jornais destacando o prêmio nas primeiras páginas. Sobre Saramago e o Nobel, Horácio Costa comentou, na época: “Seus romances são cada vez mais exigentes, mais autoritários para o leitor, e parecem escritos

Mas, obviamente, não se trata de um livro sobre as relações de José Saramago com o Brasil. O livro é uma biografia sobre a vida e a obra do escritor português.

tanto a contracorrente do universo light da pós-modernidade mercadológica, como dos experimentalismos que caracterizam a Alta Modernidade internacional. Em resumo, testificam um grande escritor, dono de um universo e de um estilo próprio”.

A obra de José Marques Lopes reproduz, ainda, fotos de Saramago em Ouro Preto (MG) nos anos 1980, e com Jorge Amado e Zélia Gattai em Paris, nos anos 1990. Mas, obviamente, não se trata de um livro sobre as relações de José Saramago com o Brasil. O livro é uma biografia sobre a vida e a obra do escritor português e conta com riqueza de detalhes a construção de suas principais obras, sua atuação na

imprensa portuguesa e seus encontros e desencontros com o comunismo em Portugal. Conta, inclusive, como nasceu o estilo saramaguiano de escrever, pontuado, sobretudo, de uma linguagem oralizante, a partir do romance *Levantado do chão* (1980).

Saramago mesmo explica como surgiu esse estilo que o consagraria: “Ao fim de três anos de dúvidas continuava sem saber como abordar o tema que, à primeira vista, tinha muito a ver com o que chamamos o neorealismo literário. Mas não me seduzia nada, não me aliciava, não me agradava a ideia, apesar de respeitar muitas obras neorealistas. (...) chegou 1979 e continuava sem saber como começar, mas o tempo estava a passar e como queria escrever o livro, sentei-me a trabalhar. (...) Então comecei a escrever como toda a gente faz, com guião, com diálogos, com pontuação convencional, seguindo a norma dos escritores. Quando ia na página 24 ou 25, e talvez esta seja uma das coisas mais bonitas que me aconteceram desde que estou a escrever, sem o ter pensado, quase sem me dar conta, começo a escrever assim: interligando, interunindo o discurso direto e o discurso indireto, saltando por cima de todas as regras sintáticas ou sobre muitas delas. O caso é que quando cheguei ao final não tive outro remédio senão voltar ao princípio para pôr as 24 páginas de acordo com as outras”.

Linaldo Guedes é jornalista e poeta. Nasceu em Cajazeiras e mora em João Pessoa (PB). Como jornalista, atuou nos principais órgãos de comunicação da Paraíba e foi editor do *Correio das Artes*. Como poeta, lançou, entre outros, os livros *Os zumbis também escutam blues e outros poemas e Tara e outros otimismo*. E-mail: linaldo.guedes@gmail.com.

O legado de Albert Camus



Jorge Fernando dos Santos
Especial para o *Correio das Artes*

Louis Germain, que identificou seu talento para as letras.

Na infância miserável, é provável que Camus sequer tenha sonhado com a sorte que o destino lhe reservara. Não abandonou o curso secundário por dificuldades financeiras graças à ajuda de outro professor, Jean Grenier, que seria seu mentor. Observador arguto do mundo à sua volta, o jovem concluiu o doutorado em filosofia e se tornou repórter e logo chamou atenção com seu estilo e sua coragem. Foi um dos primeiros a defender a população muçulmana

Poucos escritores se tornaram filósofos sem aderir à hipocrisia ideológica ou à tentação midiática do discurso fácil e demagógico. Poucos foram tão independentes, incômodos e icônicos quanto Albert Camus, aclamado como um dos grandes intelectuais franceses do século XX.

Autor de romances existencialistas, peças teatrais do gênero absurdo e ensaios filosóficos sobre a condição humana, Camus nasceu em Mondovi, na Argélia, em 7 de novembro de 1913. Seu pai morreu no ano seguinte, na sangrenta Batalha do Marne, na Primeira Guerra Mundial.

A mãe, pobre e analfabeta, assumiu sozinha a criação dos dois filhos, vendo-se obrigada a se mudar com eles para Argel. Na casa apertada, moravam Albert, seu irmão um pouco mais velho, a mãe, a avó e um tio surdo, tanoeiro. O futuro escritor quase seguiu essa profissão, não fosse um professor da escola primária,

HUMANISMO E REVOLTA

No ano passado, a revista francesa *Les Hors – Série de L-Obs* publicou uma edição de 96 páginas intitulada “Camus, L’Éternel Révolté”, reunindo artigos e entrevistas sobre sua obra. A publicação celebrou os 75 anos da primeira edição do seu romance de estreia, *O estrangeiro*.

Narrado na primeira pessoa pelo personagem Meursault, o livro começa de maneira inusitada: “Hoje minha mãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem. Recebi um telegrama do asilo. ‘Sua mãe falecida. Enterro amanhã. Sentidos pêsames’. Isto não quer dizer nada. Talvez tenha sido ontem”.

A frieza da narrativa seca e telegráfica demonstrada no primeiro parágrafo logo chamou a

atenção da crítica. Ainda jovem, o autor já mostrava estilo próprio e de rara objetividade. De temperamento inquieto, filiou-se ao Partido Comunista, mas acabou saindo devido às suas posições independentes.

Camus se opôs à independência da Argélia, migrou para a França e tomou parte da resistência contra os nazistas durante a ocupação de Paris, editando o jornal *Combat*. Amigo de Sartre, rompeu com este devido a divergências políticas. O autor de *A náusea*, que não quis escrever no jornal antinazista, apoiaria o estalinismo incondicionalmente. Camus não quis apoiá-lo, mas havia sido um dos primeiros a protestar contra o uso da bomba atômica pelos EUA, no final da guerra.

VIDA RICA, MORTE TRÁGICA

Poucos intelectuais do século XX contribuíram tanto para o pensamento moderno, a modernização literária e teatral quanto Camus – que também foi goleiro de futebol na Argélia. De sua pena nasceu uma obra humanista e libertária, que inclui, além de *O estrangeiro*, romances como *A peste* e *A queda*; peças teatrais como *Calígula* e *O mal-entendido*; além de ensaios filosóficos como *O mito de Sísifo* e *O homem revoltado*.

Além de grande escritor, Albert Camus era um homem charmoso, casou mais de uma vez, teve filhos, ganhou o Nobel, teve livros adaptados para o cinema, superou a tuberculose e enfrentou adversários de esquerda e de direita sem perder a ternura. Honesto consigo e com os outros, nunca transigiu com o radicalismo ou a estupidez política.

A obra camusiana se mostra cada vez mais necessária num mundo dominado pela intolerância e pelo hedonismo da sociedade do espetáculo. Felizmente, sua memória tem sido cultuada desde sua morte num acidente de carro, em janeiro de 1960. Ao lado do seu corpo fora encontrado o manuscrito de *O primeiro homem*, romance inacabado e autobiográfico “três original”. ✦

Jorge Fernando dos Santos é jornalista, escritor e compositor. Tem mais de 40 livros publicados, entre eles, *Palmeira seca* (Atual Editora, Prêmio Guimarães Rosa em 1989), *ABC da MPB* (Paulus, selo altamente recomendável da FNLIJ em 2003), *Alguém tem que ficar no gol* (Edições SM, finalista do Prêmio Jabuti em 2014), *Vandré - o homem que disse não* (Geração Editorial, finalista do Prêmio da APCA em 2015) e *Jaceguai*, 27 (Editora Recanto das Letras, 2017). Mora em Belo Horizonte (MG).

O visgo DA POESIA DE expedito ferraz jr.

Genilda Azerêdo

Especial para o *Correio das Artes*

Em determinado momento de “A flor e a náusea”, de Carlos Drummond de Andrade, o eu-lírico diz: “As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase”. Poderíamos parafrasear o verso de Drummond a partir de ferraz jr. e dizer: “As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem visgo”.

O recente livro de poemas de ferraz jr., que abre justamente com o poema “O visgo das coisas” – expressão que intitula o livro – chama a atenção para esta função da poesia: dar ênfase às coisas, revelar seus atributos, mostrá-las sob novos prismas, iluminá-las. Mas, para que isso aconteça, inicialmente se faz necessário que o olhar do poeta seja *afetado* e se contamine do ser das coisas, sobretudo das mais aparentemente banais e insignificantes. *Visgo* (sinônimo de visco) tem como significados isca, seiva, chamariz, termos que, de modo figurado, dizem do poder da poesia em interpelar o leitor e mostrar-lhe o mundo sob novos prismas. De modo significativo, a última estrofe do poema “O visgo das coisas” fala de um

*tempo em que, por ser espelho,
o visgo das coisas padecia
mísero de luz, que é sem o que
sequer as réstias das orquídeas crescem,
nem as mandalas das aranhas acontecem.*

Trata-se de um tempo de pobreza, em que as



Em O visgo das coisas Expedito Ferraz Jr. reúne novos poemas e outros selecionados do seu primeiro livro, Poheresia

coisas, por não serem notadas, eram muito tristes, existindo sem ênfase, sem brilho – poderíamos dizer, sem metáfora, sem poesia. Só mesmo as imagens “réstias das orquídeas” e “teias de aranhas” para dar conta de tamanha indiferença e carência! Felizmente, para o bem da poesia, esse tempo em que “o visgo das coisas padecia/mísero de luz” passou, e eis que surge outro tempo em que guarda-chuva vira morcego, flor enlutada ou corvo; máquina-de-escrever vira “máquina-de-sorrir” e teia de aranha se transforma em mandala.

O visgo das coisas é o segundo livro de poesia de ferraz jr., composto de dezoito poemas inéditos, além daqueles selecionados (dezenove) do primeiro livro, *Poheresia*. Assim como no livro anterior, uma primeira leitura de *O visgo* informa sobre outros ▶

- ▶ diálogos intertextuais com a tradição literária, a exemplo de “O labirinto”, com epígrafe de Borges, e “O som da insônia”, que parodicamente remete a João Cabral. Vejamos esse poema:

Um galo

Nada a ecoá-lo.

Se em João Cabral “Um galo sozinho não tece uma manhã:ele precisará sempre de outros galos”; e se o próprio poema formalmente mimetiza a ligação, a tessitura entre os versos e gritos/cantos dos galos, em “O som da insônia”, o que há é silêncio, solidão e vazio, sentidos eloquentemente plasmados pelo espaço em branco deixado entre os dois versos. Ironicamente, ao leitor não escapam os ecos (pelo avesso) de “Tecendo a manhã”.

Ao longo do livro, o *visgo* das coisas deixa-se transparecer em réstias, sombras, lembranças, labirinto, olhos, fios, flores, desenhos, som. A morte e suas tenebrosas ramificações se fazem presentes em “Desconcerto” – cuja forma lembra um ataúde –, e em “Vista aérea”, cuja primeira estrofe diz:

*a certa altura,
a vista de um cemitério
se afigura
como a visão
de uma única
sepultura*

E eis que, de repente (ou a certa altura da compreensão), a visão da própria cidade é encharcada pelo sentimento de morte, fazendo com que alamedas e canteiros se transformem em lápides e jazigos, e nossos próprios ossos sejam metaforizados como valas comuns. É um poema que nos iguala uns aos outros em nossa finitude, fazendo-nos lembrar tanto de John Donne – “Não perguntes por quem os sinos dobram: eles dobram por ti” – quanto de Fernando Pessoa, em sua metáfora do homem como “cadáver adiado que procria”.

O posicionamento afetivo do eu-lírico diante do mundo e dos seres ora demonstra perplexidade, ora revela compreensões. “A cantiga do velho do saco” (com epígrafe de “Eleanor Rigby”, de Lennon & McCartney) constitui um exemplo substancial de alteridades intercambiáveis (eu-lírico e personagem) em mistério e solidão. Quem mora em João Pessoa já deve ter se deparado alguma vez com este ‘velho Sísifo’ e seu inseparável saco. Os transeuntes mais

sensíveis certamente já devem ter se perguntado, a exemplo do eu-lírico:

*Se anda e anda, de onde veio?
Se carrega, aonde leva?
Se nunca chega, onde mora?*

Ou seja, o velho do saco se confunde com seu caminhar, seu vagar pelas ruas – sujeito captado em eterno trânsito. Diferentemente daqueles que lhe têm medo e asco, ao eu-lírico lhe chamam atenção o mistério e o segredo do velho. Ao questionar-se sobre o velho e seu saco, conclui o eu-lírico:

*De sombras, leva um cortejo.
Leva o menino que eu era
e o velho que não demora.
E também leva o que perco,
que o saco é pelo avesso
e o conteúdo é o de fora.*

Observemos que, ao longo do poema, há um jogo paronomástico criado entre saco, asco e ocaso, cuja função é não apenas metonimicamente revelar o personagem “velho do saco”, mas criar intercâmbios e (não) identificação entre esse personagem, aqueles que lhe têm medo e asco e o próprio eu-lírico. Tais efeitos acabam por desaguar em uma empatia significativa entre personagem, eu-lírico e leitor.

O *visgo das coisas* traz novamente a personagem mariazinha – que conhecemos do poema “Cantiga do amor desvalido” (de *Poheresia*) –, no poema “Chiste”:

*mariazinha, não sorrias mais!
Ai, não sorrias mais, mariazinha!
Teu sorrir, muito mais que teu sorriso,
profana melancolias siderais!*

Os dois poemas (remeto o leitor à leitura do poema “Cantiga do amor desvalido”) possuem uma forma similar, em que sobressai a função conativa da linguagem, de modo a chamar a atenção para a ingenuidade e inocência de mariazinha e a consciência do eu-lírico sobre um mundo de cobiça, de aparência, de espetacularização, de melancolia. Em “Cantiga do amor desvalido”, há um paralelismo interessante entre as funções conativa e expressiva/emotiva da linguagem: à medida que mariazinha é revelada, o eu-lírico também se mostra. Aqui, é como se o “amor renitente e relicário” de mariazinha constituísse a última reserva de crença do eu-lírico. Em “Chiste”, estamos em outro momento – é como se mariazinha, por não dar ouvidos ao eu-lírico, possa ser arrastada pela sedução das luzes, da exposição, da fama; aqui, temos um aprofundamento do desencanto do eu-lírico, que ainda tenta alertar mariazinha: ▶

- *Eu te asseguro que essa vida é triste.
Repara: a noite... a chuva... despedidas...
Se algo há de risível nesta vida,
é de nós, contra nós, que a vida é chiste!*

Descolada, isolada assim do poema, trata-se de uma estrofe que possui autonomia de poema, transcendendo o diálogo poético com mariazinha, para falar ao destinatário-leitor em geral.

As imagens amorosas e eróticas também se fazem presentes em *O visgo*, tendo em “Outros jogos frutais” um exemplo significativo. O poema – cujo título dialoga com “Jogos frutais”, de João Cabral –, é composto de cinco partes e chama a atenção pelo frescor e pela densidade visual das metáforas. No poema de João Cabral, composto de 56 estrofes, temos a descrição de uma mulher a partir das frutas, do sol e das brisas do Nordeste e de Pernambuco: “E há em tua pele/ o sol das frutas que o verão/traz no Nordeste.../É de fruta do Nordeste/tua epiderme;/mesma carnação dourada,/ solar e alegre./Frutas crescidas/ no Recife relavado/de suas brisas”. Tudo da mulher – sua pele, seu segredo, seu encanto, sua medida, seu cheiro, seu sabor, sua textura – é compreendido a partir de metáforas ligadas aos ditos ‘jogos frutais’:

*Não és uma fruta fruta
só para o dente,
nem és uma fruta flor,
olor somente.*

*Fruta completa:
para todos os sentidos,
para cama e mesa.*

No poema “Outros jogos frutais”, de Ferraz Jr., a primeira parte, por exemplo, faz explodir em texturas, gostos e cores a genitália feminina:

*Âmbares manhãs.
Entre as cortinas do ventre,
o vitral da romã.*

A parte IV também possui autonomia de poema e oferece uma reflexão, a partir do universo semântico das frutas – seus sabores, azedumes, viscosidades – a respeito do amor e das escolhas que o enredam:



Expedito lança O visgo das coisas pela Editora Penalux, de Guaratinguetá (SP)

*Ou bem se quer o sabor
e se abandona o pudor*

*do visgo, da nódoa, do ricto,
ou bem se evita a mangaba.
E o tamarindo. E o amor.*

Poheresia possui 46 poemas, além de “Provérbios”, dedicado ao leitor, que também pode ser considerado um poema. *Poheresia* tem uma capa branca e o título preto. *O visgo das coisas* possui 37 poemas, dezoito inéditos e aqueles acrescentados a partir de seleção do livro anterior. *O visgo das coisas* tem uma capa preta e o título branco. Quero crer que essas informações quantitativas e visuais nos dizem não apenas sobre o próprio olhar do poeta sobre suas criações, mas convidam o leitor a refletir sobre um diálogo maior entre os dois livros. ◀

Genilda Azerêdo é professora do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com atuação no Programa de Pós-Graduação em Letras/PPGL e pesquisadora PQ2 do CNPq. Mora em João Pessoa (PB).

Vista aérea

a certa altura,
a vista de um cemitério
se afigura
como a visão
de uma única
sepultura

a certa altura,
já a toda uma cidade
se mistura
essa impressão,
e a arquitetura
de alamedas,
letreiros e ladrilhos
faz ver canteiros,
lápides,
jazigos

a certa altura,
impossível distinguir
entre ruína e criação;
entre o milagre
da civilização
e o terremoto:
tudo quer nos parecer
destroços

a certa altura,
resta aprender
a carregar os mortos
na vala comum
dos nossos próprios
ossos

O labirinto

No habrá nunca una puerta...
(J. L. Borges)

Vencido,
descrido de céu
ou saída,
paro entre paredes,
convencido
de que o labirinto
é que se move;
de que o labirinto
me percorre
(e nunca,
dentro dele,
eu me movera).

Recolho o fio
já vertido.
Refaço o novelo.
E um novo labirinto
cresce em minhas mãos,
na brenha tosca
da pequena esfera.

Há que fiar,
na eternidade veloz,
a antiespera.
Há que aceitar
que o fio
que eu semeava
e colheria;
que o fio
em que me enredo
e era meu guia
agora guia o meu algoz
e me oferece à fera.

Poemas do livro
O visgo das coisas,
inédito.

A cantiga do velho do saco

*All the lonely people,
Where do they all belong?*
(Lennon & McCartney)

Uns lhe têm medo. Outros, asco.
A mim, me rói o segredo
do velho (*viejo?*) que vejo
desde eu menino, ele velho,
e ainda agora, em andrajos,
num desenredo estrangeiro
ao meu próprio desenredo,
carregando algum mistério
nas costas, dentro de um saco.

Se anda e anda, de onde veio?
Se carrega, aonde leva?
Se nunca chega, onde mora?

E a mim se mostram segredos:
que onde é onde andar o velho,
seu destino, sua origem,
seu nunca, feito de agoras.

Que o velho leva o que vejo:
céu, sarjeta, medo e asco.
Leva o braseiro do acaso.
De sombras, leva um cortejo.
Leva o menino que eu era
e o velho que não demora.
E também leva o que perco,
que o saco é pelo avesso
e o conteúdo é o de fora.

Ferraz Jr.

ILUSTRAÇÃO: BEATRIZ LUNA



Exedito Ferraz Jr. é poeta e professor de Teoria Literária da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB). Em 2014 lançou *Poheresia (A União)*, primeira reunião de poemas. *O visgo das coisas* (Penalux) tem previsão de lançamento para este ano.

Regina Celi M. Pereira

Babel(icos)

Naquele dia
todas as línguas
se elevaram em coro

(quéchua, maori, tupi, mandarim
aramaico, latim)

Naquele dia
em todas as falas
uma só prece:

Não mais!
Não mais!
Não mais!

Naquele dia
todos os mantras
sussurraram
um só desejo:

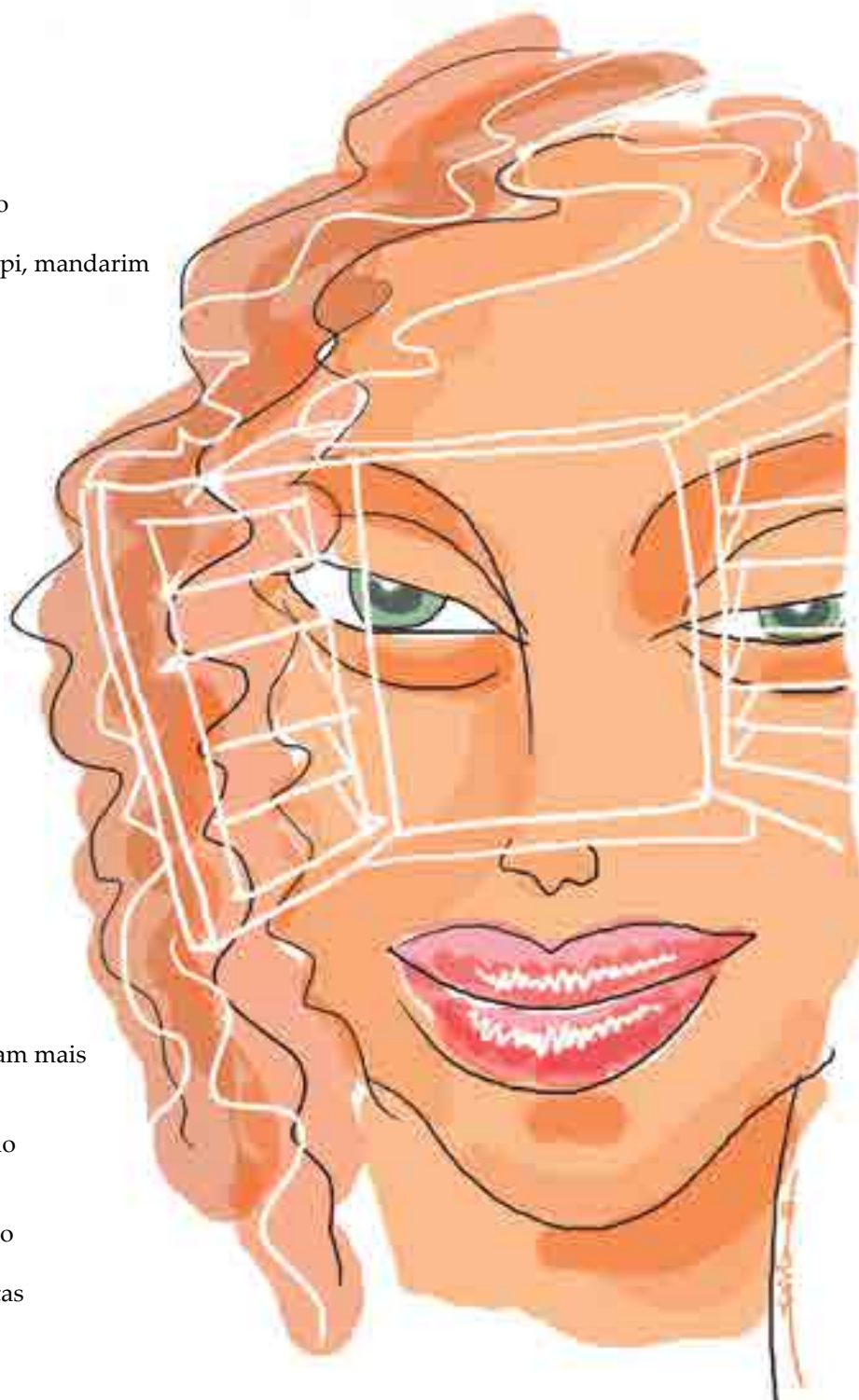
Assim seja.
Assim seja.
Assim seja.

Vitrais

amendoados olhos,
verde-oliva
ou azul-turquesa
não me impressionam mais

encantam-me olhos
que falam ao silêncio
sussurram
afagos
sob lentes de contato

fenestras entreabertas
que nos deixam
respirar
o mundo interior

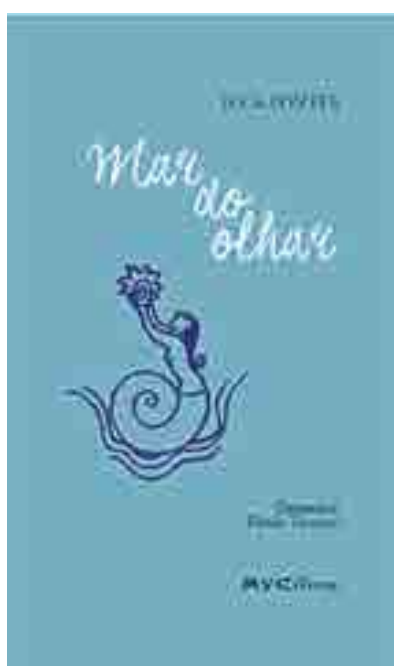


Regina Celi Mendes Pereira nasceu (1963) e mora em João Pessoa (PB). É professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), pesquisadora do CNPq, editora da revista *Prolíngua* e coordenadora da subseção da Cátedra Unesco em Leitura e Escrita. Suas publicações em livros e revistas são todas acadêmicas, em Linguística Aplicada. É leitora e apreciadora de poemas e, de vez em quando, arrisca-se em escrever alguns.

A poesia de Juca Pontes



CAPA E TÍTULO. Capa também é texto. Título, então, nem se fala. Digo isto com referência ao livro de Juca Pontes, *Mar do olhar*. A capa é de uma cor que lembra as muitas metamorfoses das cores da água do mar, com um desenho de Flávio Tavares, que remete à criação e ao feminino: uma sereia saindo de um caracol, símbolo da razão áurea, que se repete como um padrão na natureza. Nas mãos, a sereia tem um sol: água e sol envolvendo o elemento feminino, que tem em si o poder de gerar a criação, não poderia traduzir de



Capa do novo livro de poesia de Juca Pontes, com ilustração de Flávio Tavares

Assim, caro leitor, não podemos iniciar a leitura dos poemas de Juca Pontes, sem passar pela capa, que nos orienta de maneira inquestionável.

maneira melhor a criação poética neste mar do olhar.

Complementando a ideia da capa, vemos o título em alto relevo, como o desenho de Flávio Tavares, mas diferentemente do azul profundo da gravura – a criação vem das profundezas – as letras que formam o título são brancas com um preenchimento que deixa espaços, intencional ou não, como se fossem as espumas das ondas quebrando em bolhas na areia da praia. A maneira como as letras estão dis-

postas, quebrando a linearidade usual dos títulos, só reforça a ideia do título-espuma-de-onda, que leva a criação até a margem. Assim, caro leitor, não podemos iniciar a leitura dos poemas de Juca Pontes, sem passar pela capa, que nos orienta de maneira inquestionável: a criação vem do mar, em termos de vida biológica; a criação poética desse *Mar do olhar*, também. É do mar do olhar na sua imensidão e na sua possibilidade imensa de ver as coisas, mesmo as mais banais, sempre de maneira renovada, que surgem os poemas de Juca Pontes.

RITMO. O que me atrai na poesia de Juca Pontes? Claro que se não fosse uma escrita de valor, de qualidade, o mais seria pura ornamentação vazia. Mas o que me atrai é o ritmo. A sua poesia pega pelos olhos e pelos ouvidos. Desde a epígrafe poética inicial – *Rios/ de mim/ respiram/ azuis/ sem fim* –, devidamente encaixada num azul mediterrâneo e observada por um cavalo marinho, o ritmo se impõe. É da profundidade desse azul interior que vem o ritmo. Neste curto poema, pode-se notar como funciona o ritmo na poesia de Juca Pontes. Num movimento de três-cinco-dois, com ênfase no verso agudo, tendo como base o vocábulo oxítono ou monossílabo tônico, esse poema constitui-se, na realidade, de um único verso, sincopado em três. O que o faz um único verso equilibrado aos nossos ouvidos é o fato ▶

- de que o ritmo impõe as pausas, que chamaremos tecnicamente de cesuras, permitindo ao poeta a quebra do verso em três. Ritmo ternário, apenas ouvido, de um único verso. Isto faz a diferença, para quem sabe que poesia é, antes de qualquer coisa, música. Já dizia Paul Verlaine. Juca sabe disso e seu ouvido apurado transforma sua poesia de escrita em eufonia. Ou melhor, recupera a eufonia do verso primeiro.

Em *Mar do olhar* os poemas são curtos, apenas um poema tem dez versos, a maioria dos poemas apresenta entre quatro, seis e oito versos, alguns com nove, outros com três versos. Mas não importa. Todos têm versos curtos e seguem o critério do poema aqui já citado: o ritmo comanda o tamanho do verso, não a maneira como ele é exposto graficamente. Juca faz um livro de poemas, para o deleite do ouvido, ainda que o apelo gráfico do excelente acabamento, casando com perfeição com as gravuras de Flávio nos leve à tentação de lê-lo silenciosamente. Há, portanto, dois planos de leitura no livro de Juca: o fônico e o visual, em simbiose perfeita, mas com o nível fônico nos ditando o ritmo da leitura.

Peguemos o único poema com dez versos – “A quem se confessa o farol?” – e vejamos como se dá o processo do ritmo em Juca Pontes:

Ao lembrar
salsos lábios
do mar

seu olhar
me fez
outro bem:

metade
de quem
sou

sou seu bem.

De início, deixaremos, intencionalmente, à parte, o erotismo do texto presente na primeira estrofe e nos concentraremos em perceber como o poema se estrutura. São 4 estrofes, sendo 3 de três versos e uma estrofe de um

verso apenas. Lembramos que o termo estrofe não diz da quantidade de versos, por isso existe a estrofe de 1 verso, chamada de *monostíquio*, literalmente, um verso. Estrofe significa *retorno*, assim como a própria palavra verso significa *volta*. Retomando a estrutura vemos que os tercetos são na realidade, cada um, um verso com ritmo bem apropriado e semelhante: o primeiro tem nove sílabas; o segundo tem oito, o terceiro tem seis, mais o ritmo o empurra para juntar-se ao último verso, constituindo-se assim um verso de nove sílabas. Assim, podemos dizer que o poema é constituído de três versos apenas e com ritmos bem próximos, que agradam ao ouvido do leitor, que mais do que lê-los, deseja ouvi-los. Se nos poemas menores, a separação das estrofes funciona como as cesuras – os cortes rítmicos que se fazem nos segmentos do verso –, neste poema mais longo as cesuras se fazem no próprio corte dos versos. O poema constrói-se numa linha melódica tão semelhante, que o último verso, que funciona como conclusão da mensagem é também a conclusão da linha melódica da estrofe inicial, que, lembremos, funciona ritmicamente com quatro versos. Lembremos ainda que a pergunta retórica, que serve de título ao poema – “A quem se confessa o farol?” –, tem oito sílabas.

O que teria testemunhado o farol para se confessar? A luz do farol ilumina a reminiscência do eu-lírico e o faz lembrar dos olhos da amada e do que ele representa, a partir dessa lembrança: dois corpos juntos que se amam, quando se separam resta apenas a metade de quem se é. Recuperando o erotismo que se encontra na primeira estrofe, vemos como, após a leitura rítmica, o teor erótico fica mais claro. Por todo o poema se pode sentir o erótico, pelo ritmo que os fonemas bilabiais /b/ e /m/, e o lateral /l/ em prestam ao poema, fonemas que não se articulam sem o concurso dos lábios e da língua... Ritmo é, portanto, um forte componente da poesia de Juca Pontes.

A MULHER E O PAVÃO.

Sem querermos nos alongar, gostaríamos de comentar a série de poemas, que consideramos mais íntimos, no bom sentido do termo, sobre a mulher e que se encontram na parte intitulada *Pele das águas*. São eles “A mulher e o pavão”, “A mulher e o pavão II”, “Vênus”, “Ísis” e “Íris”.

Os dois primeiros se referem, respectivamente, à mulher e ao pavão. Entenda-se. Há uma simbiose entre a mulher e o pavão, que leva à fusão dos elementos feminino e masculino, como demonstra, por exemplo, a gravura-dedicatória que Flávio Tavares fez para mim, no momento de autografar o livro (v. imagem). O elemento feminino comparece com sua sensualidade, representada metonimicamente por seus atributos físicos – curvas, coxas, seios, cílios, fios, pelos e cabelos – no texto de Juca Pontes sem vírgulas, como a não seccionar o todo de que se compõe a “sagrada mulher” (“A mulher e o pavão”); já o elemento masculino exhibe o orgulho da cauda, cujas plumas guardam segredos (“A mulher e o pavão II”). Enquanto a mulher mostra a sensualidade





*Encontro das artes:
Flávio Tavares e Juca
Pontes, fotografados por
Antônio David*

▶ e feminilidade, o homem mostra atributos sexuais e orgulho, próprios do macho. Juca vai no ponto, revelando as diferenças entre o masculino e o feminino. Duas explicações se impõem. A primeira é mais corriqueira e conhecida pela maioria das pessoas: só o pavão-macho apresenta a cauda bonita, aveludada e colorida, pois, no mundo animal os machos são mais bonitos e maiores que as fêmeas. Isto, no entanto, não lhes garante a primazia de copular com a primeira fêmea que aparecer. Ele precisa mostrar os seus atributos, num apelo claramente sexual. O de penas mais aveludadas, brilhantes, coloridas e sem insetos ganha a disputa, pois passará, com certeza, melhores genes que os demais que estiveram na disputa.

O outro segredo de que fala a poesia de Juca Pontes, tomando o segundo poema como alegoria do homem, é o atributo sexual, orgulho de todo macho que se quer macho, porque deve passar seu gene adiante. É o orgulho de seus atributos visíveis aos olhos da fêmea ou das fêmeas, que faz o macho se expor diante delas, na esperança de ser escolhido e, assim, poder perpetuar a sua espécie, atendendo a uma das ordens de seu código genético. Como representante do mundo dos machos, o pavão é símbolo

do masculino humano, não sendo à toa que o epíteto de pavão se aplica pejorativamente aos homens vaidosos e orgulhosos de seus atributos físicos ou mentais, mais daqueles do que destes. Juca Pontes, portanto, faz um hábil jogo metafórico, entre a sensualidade feminina, que no jogo sexual é quem faz a escolha e decide quem será o seu companheiro, e a vaidade/orgulho do homem, que se sente o conquistador. Este jogo se torna mais claro quando os dois poemas são lidos em sequência. É óbvio que isoladamente poderíamos constatar este atrelamento entre os dois poemas, mas o fato de que eles estão em sequência, isto facilita a apreensão pelo leitor.

A outra explicação é que a simbiose mulher-pavão é uma atualização do mito de Leda que é seduzida e amada por Zeus, deus disseminador, sob a forma de um cisne. Os dois poemas se completam e devem ser lidos conjuntamente, como num conúbio, em que um amante não pode estar longe do outro, senão um e outro atrelados.

DEUSAS. O poema “Vênus” revela um contraste entre uma visão da gravura da deusa e a realidade que o seu nome evoca: Vênus é, como sabemos, a divindade que preside os amores sensuais, carnais, eróticos. Jura, ternura e condição de pura, só na gravura. Em “Ísis”, vê-se a revelação do amor, com o amante, o iniciado, revelando-se aos segredos sob o véu de Ísis. Desta forma, Juca inverte a proposição religiosa, pois cabe ao iniciado o desvelamento dos segredos e não o contrário. O amor, no entanto, é um véu de Ísis, que se aclara pelo olhar, espelho da alma, afinal, como diz José Américo, “o amor é uma gradação de sentidos, começa pela necessidade de ver”. No poema “Íris”, há uma recriação de Juca Pontes, com relação à divindade que representa a ponte de contato entre deuses e homens na religiosidade grega arcaica. Filha de Taumas, o Espanto, na mitologia homérica (v. *Iliada*, Canto XIV), Íris na poesia de Juca Pontes é a presença e brilho do amor, na forma não menos mitológica da sereia. O que é o amor? Parece ternura, mas é carne também? É revelação do inesperado para aqueles que o buscam? É brilho e colorido que se revelam através de mito marinho que seduz e destrói os incautos? É ponte ligando amantes? É tudo isto e é a suprema revelação do mar do olhar. Só quem sabe ver com a imensidão do amor é capaz de descobri-lo.

MAR, POEMAS E ARTES PLÁSTICAS. Juca Pontes publica um belo de livro de poemas, cujo tema é o mar/amor, contando com ilustrações mágicas, que saíram das mãos de Flávio Tavares. A junção de poemas com as artes plásticas e a natureza só poderia resultar em poesia. Formas que se juntam para exprimir essências. ■

Milton Marques Júnior é professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mora em João Pessoa (PB).

POEMAS DO LIVRO MAR DO OLHAR

Noite

O azul
flutua

no silêncio
da lua.

Vazante

Esplêndido
olhar

dobra a pele
do mar.

Olhar

Laços
de fogo

guardam
as tardes

no oceano.

Leveza

Finge-se
de pássaro

só para o mar
sublinhar.

Inventário

O itinerário
do vento

não
muda:

o azul
no mundo

é tudo.

Infinito

Rios
de mim

respiram
azuis

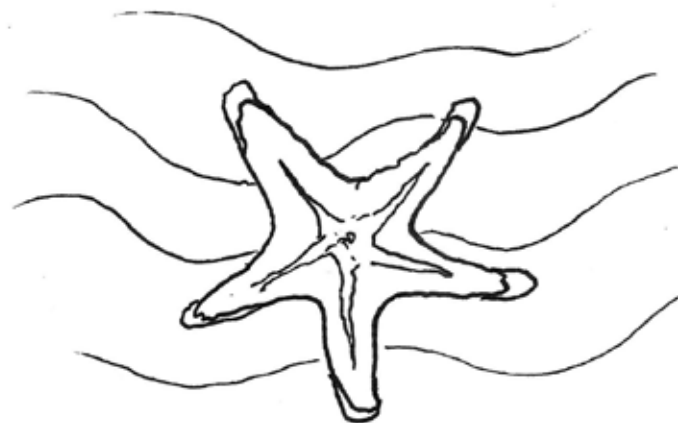
sem fim.

Horizonte 10

Nos braços
da tarde

sangram
esses versos

breves.



Pontes

ILUSTRAÇÕES: FLÁVIO TAVARES



Amanhecer

Silêncio
e claridade

tão leves
claves:

uma
ouvindo

o canto
da outra.



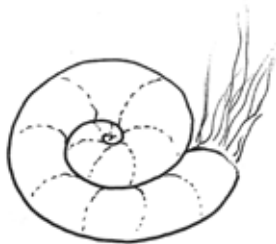
Movimento 7

Sou dilúvio

de suas
águas:

you
minha

sangria
desatada.



Juca Pontes é poeta, jornalista e editor. Nasceu em Campina Grande (1958) e mora em João Pessoa (PB). Publicou, entre outros, os livros *Laçado corpo* (1984, com desenhos de Chico Dantas), *Ranhuras do corpo* (1987, com desenhos de Flávio Tavares), *Ciclo vegetal* (2013) e *Olhar do mar* (2017, também ilustrado por Flávio Tavares).

Jomard Muniz de Britto:

"pós tudo, PARA O QUE DER E VIER"



Organizar a cultura constitui um princípio epistemológico indispensável a certos autores cuja intervenção crítica e criativa se distende por esferas díspares, diversas e multifárias. Inacabado o processo conceptual de reflexão e reinventadas as posturas artísticas frente aos modelos dominantes, quer no campo da política, quer no setor da pedagogia, quer no terreno da poeticidade, é preciso, em dado momento, registrar, documentar, recompor os percursos expressivos e estabelecer, mesmo que provisoriamente, o perfil das personalidades fundantes, dentro ou fora dos murais acadêmicos.

Penso nisto ao ler o livro de entrevistas, *Jomard Muniz de Britto*, organizado por Sérgio Cohn (Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013), como uma espécie de balanço, entre vida e obra, entre arte e existência, entre o fazer e o pensar, entre o ser e dever ser, entre o real e o imaginário, dessa figura humana in-

quieta e inquietante. Professor, educador, cineasta, ator, escritor, poeta, filósofo, artista multimídia, crítico da cultura, leitor, sobretudo leitor, leitor de mundos e de palavras, esses "Encontros" com Jomard trazem a possibilidade das reconfigurações cognitivas a partir da mentalização complexa e instigante que sempre norteou sua atitude crítica e sua ação libertadora.

Com base nas entrevistas, numa cronologia que vai de primeiro de maio de 1960 a 2009 do século passado, atento ainda ao depoimento *Do modernismo à bossa nova*, aos manifestos *Por que somos e não somos tropicalistas* e *Inventário de nosso feudalismo cultural*, assim como ao roteiro de filme *O palhaço degolado*, arrisco uma tipologia categorial para caracterizar a atividade exegetica, o impulso produtivo e o gesto criador de Jomard Muniz de Britto. De um lado, o educador das desaprendizagens; de outro, o desconstrutor de signos; numa perspectiva, o epistemólogo da transversalidade; em outra dimensão, o filósofo dos afetos.

O EDUCADOR DAS DESAPRENDIZAGENS

Ajustado à reflexão de Roland Barthes, nas últimas frases da "Aula", Jomard já não ensina ▶

FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET



Entrevistas de Jomard Muniz de Britto estão reunidas no livro homônimo (Beco do Azougue, 2013), organizado por Sérgio Cohn



Roland Barthes, escritor, filósofo e semiólogo francês, autor de *O rumor da língua*, entre outras obras em vários gêneros

▶ o que sabe nem o que não sabe; vive plenamente a experiência do desaprender, isto é, a idade da “sapientia”. Segundo o ensaísta francês, “nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível”. Se tal ocorre pelo “remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos”, o verbo de Jomard, como um giroscópio devastador, parece acionar sempre a formulação ética do contraditório, abrindo fissuras no pensamento único e nas ideologias estratificadas. Seu compromisso, embora não se recuse ao charme discreto de certa erudição acadêmica, reside sobretudo no diálogo aberto e radical com as linguagens contemporâneas. O modernismo, a bossa nova, o cinema novo, a pedagogia de Paulo Freire, a poesia concreta, o poema processo, o tropicalismo, o super-8, a vídeo-arte, enfim, tudo que arregimenta a energia das vanguardas, mais estéticas que históricas, vanguarda enquanto método, conforme Silviano Santiago, culmina com o movimento da desaprendizagem. Uma desaprendizagem que se reinventa a cada dia na desmobilização dos conceitos e na ironia perante os “podres poderes”.

O DESCONSTRUTOR DE SIGNOS

Leiam-se as entrevistas e se verifique como os vocábulos, mesmo submetidos ao imperativo da referencialidade, não se negam ao lúdico e ao poético por onde penetram as significações ambivalentes. Em cada disposição sintática, donde emana um efeito às vezes dadaísta, às vezes surreal, o sabor fonético dos signos ultrapassa os limites do nível pragmático e reforçam os atritos e as tramas estéticas que fazem as orações verbais se transformarem em “atentados poéticos”, em pequenas odisseias líricas, misturando poesia e prosa e sinalizando para uma espécie de transgênia das linguagens. A lógica da operação textual parece ceder, como um predicado essencial, à sinuosidade das correspondências entre som e sentido, mais à Rimbaud do que à Valéry. Se o professor Moacir de Albuquerque e o poeta padre Daniel Lima lhe inocularam as delícias do vício literário, o inconformismo linguístico passa por Oswald de Andrade, refina-se com as nuances inter-simióticas do tropicalismo e desemboca no coloquialismo irreverente e destabocado das marginálias.

O EPISTEMÓLOGO DA TRANSVERSALIDADE

Em Jomard Muniz de Britto, o conhecimento não possui departamentos estanques. Leitor dos pré-socráticos, de Platão, Sartre, Camus, Nietzsche, Merleau-Ponty, Freud, Lacan, Deleuze, Drummond, costura permanentemente os fios da estética com os da pedagogia, e, nele, a crítica da cultura não dispensa a presença da história, a ética das diferenças e o colóquio destemido entre cientificidade e empiria. Com ele aprendemos que “Desde que a obra exista, ela não tem tempo, tem uma data histórica, mas ela é intemporal”; que ele é um pós-tropicalista (“Eu sou um pós-tudo, para o que der e vier”); que

“uma vida não pode ser passada a limpo”; que “o sexo não é uma coisa rígida, é um tornar-se”; que “*Grande sertão: veredas* é o maior livro de filosofia do Brasil”, e que a “poesia é a grande solidão e melhor solidariedade através da língua e das linguagens. Pode não ser a ‘verdade’ ou a revelação dos seres, mas será sempre o êxtase ou fulguração da linguagem”. Mais que a convicção eclesiástica de que não existe nada de novo sob o sol, existe, no entanto, o diferente, a diferença, enfim, o outro, a voz dos outros, que precisa ser canalizada e participar do debate público, no cotejo expressivo das pluralidades.

O FILÓSOFO DOS AFETOS

Por mais diversificada que seja a criação jomardiana e a “dispersa demanda” de seus interesses culturais, existe como que um princípio ativo e unitário demarcando sua leitura de mundo e a atenção especial que dedica ao corpo das linguagens na surpreendente semiose de suas codificações e decodificações. Diria que a seiva do afeto, a inteligência do afeto, a generosidade do afeto e todas as suas ressonâncias comandam a suas práxis multimídia. Sem desconhecer os desastres decorrentes da irracionalidade humana, as mazelas de uma globalização excludente, a assimetria original das relações entre capital e trabalho, a inanidade da “era do vazio”, o mal-estar das civilizações, Jomard procura apostar na “intensidade do Bem, da justiça, da solidariedade e da beleza diante e até dentro da sordez”. Sua pedagogia e toda sua criticidade diante dos valores canônicos da arte, da cultura e da política parece não abdicar do imperativo categórico que reside no respeito à dignidade da pessoa humana. Não importa a classe, a etnia, o gênero e o ethos. ◀

Hildeberto Barbosa Filho
é poeta, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).



Machado de Assis e o futebol

Até onde sei – e confesso que sei um pouco, uma vez que estudei o tema para uma tese de doutorado –, o grande escritor brasileiro Machado de Assis nunca escreveu tendo como tema, seja de longe ou de perto, o futebol.

Até porque, no ano de sua morte (1908), no fim da primeira década do século 20, o jogo de futebol estava apenas ganhando fôlego no Rio de Janeiro, para se espalhar como um rastilho de pólvora incontornável, só na década seguinte, a década de 20, pelo Brasil afora.

Foi a partir dos anos 20 do século 20, portanto, que o jogo de futebol se consolidou no Rio de Janeiro já como um esporte popular e avassalador no gosto do desportista carioca, posteriormente se espalhando pelo Brasil e iniciando uma

trajetória de influência na cultura nacional a que os escritores tiveram que dar atenção, embora que inicialmente apenas o envolvendo numa polêmica renhida entre os que o defendiam e os que o atacavam enquanto uma novidade estrangeira que, então, forçava instalação na nossa terra.

Para se ter uma ideia, nos primeiros anos da década de 1910 apenas o jornalista e escritor João do Rio deu atenção, nos seus escritos, ao futebol, tomando-o como ocupação novidadeira da elite carioca que o importara da Europa e o adotara como forma de esporte, lazer e festejo social.

Na ficção, por exemplo, o tema sequer existia por essa época.

Não é de se estranhar, portanto, que um escritor sisudo – embora sarcasticamente irônico com as ditas coisas sérias do mundo, (à maneira de um Voltaire), como era nosso Machado de Assis –, fosse perder tempo com um tema tão sem importância e banal, estigma que até hoje parece cercar a matéria, a ponto de um dos seus maiores cultores nas nossas letras, o dramaturgo, jornalista e escritor Nelson Rodrigues, o ter resumido assim ao redimensionar essa circunstância que ainda hoje cerca o assunto: “Das coisas menos importantes da vida, o futebol é a mais importante”, asseverou certa vez.

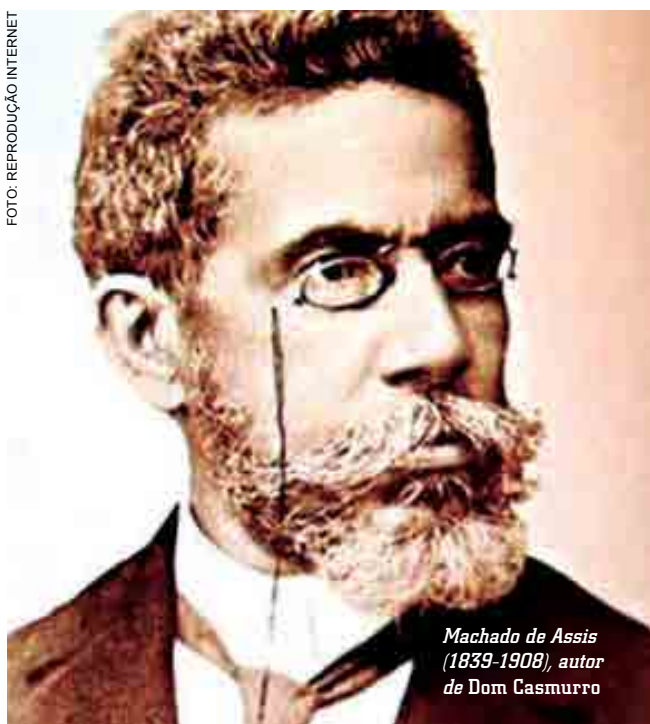
Pois bem!

Não escreveu sobre futebol, o nosso Machado de Assis, mas criou (ou mais apropriadamente, tomou de empréstimo também dos ingleses tal qual fizemos com o esporte bretão) um tipo de narrador que deu uma inflexão geral (sapecou um grande drible) no campo da literatura brasileira, algo que até hoje causa espanto e certa novidade na maneira de se narrar ou contar histórias com finalidade estética ou artística.

Trata-se do chamado “defunto autor”, aquele que já bateu as botas e partiu dessa para melhor, podendo, assim, “viver e contar também melhor” as coisas da vida e da morte, já que não lhe resta mais compromisso algum com nada ou com ninguém, contingência que só a “indesejada das gentes” pôde lhe conceder de benefício final e definitivo, espécie de licença poética radical e libertadora.

Então! Como se costuma afirmar nos meios acadêmicos de literatura - e algumas teorias da narra- ▶

FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET



Machado de Assis
(1839-1908), autor
de Dom Casmurro

▶ tiva parecem confirmar -, a condição de morto sempre confere a um narrador-protagonista que opere a partir de uma primeira pessoa atuante ou testemunhal, uma espécie de salvo-conduto ou imunidade para que possa intervir como queira na vida dos entes com os quais conviveu e que, por este recurso técnico de verossimilhança, ainda conviverá para todos os efeitos do bem e do mal.

Este, pois, é precisamente o caso em questão do narrador Mindinho, o do conto de futebol que analisaremos nesse pequeno ensaio para esta coluna do *Correio das Artes*, ou seja: aquele que não só conta, mas até autoneomeia a própria história.

Talvez daí, dessa circunstância de olhar para o mundo dos vivos por cima do nariz (afinal, ele já está morto mesmo!), é que esse tipo de personagem-narrador ou narrador-personagem, como queiram, se comporte perante a existência dos que ficaram quando de sua partida desta para melhor com uma arrogância que diria judicantes, nas suas histórias exemplares.

É uma dessas histórias, portanto, que o leitor vai acompanhar a seguir, a qual deixo como minha homenagem à relação de Machado de Assis com o futebol, algo que sei que não houve, mas que também sei que houve, conforme todos perceberão, na análise do conto em tela.

Desçamos ao texto, pois.

“MINDINHO” OU A VINGANÇA DO ALÉM-MUNDO

Narrativa em que, à maneira de um narrador machadiano, aquele que escreve com a pena da galhofa e da melancolia, nos é contada a curiosa história da vingança de um jogador de futebol já falecido sobre o seu companheiro de clube ainda vivo. E tudo isso por causa de uma “desfeita moral” que o narrador habilmente faz transformar-se numa espécie de traição em que o jogo da bola entra como elemento de conteúdo e significação. Noutras palavras: o ponto culminante de uma trama onde tudo pode ser resumido no emblemático aforisma: sorte no amor, azar no jogo. Ou vice-versa. Principalmente, vice-versa, como o

leitor verá ao ler essa literalmente fantástica estória curta de futebol.

Escrito numa prosa elegante e deliciosamente corrente; fluida até, no seu intuito narrativo, este conto de José Cruz Medeiros, para início de conversa, inscreve-se entre aqueles dos melhores do gênero, a exemplo de “O jogo encoberto”, de Aécio Consolin, já analisado aqui e que também trata de uma traição entre companheiros de time e de jogo de bola.

Desta vez, com efeito - mas, com efeito mesmo -, o artifício literário para tratar do tema é bem mais sofisticado, uma vez que o narrador-protagonista só age na trama a partir da sua condição de morto, coisa que solertemente vai logo avisando ao leitor:

A turma prefere o domingo, que é o dia da vitória. Eu não; comigo é na quarta-feira. É quando me levanto contente, satisfeito da vida. Tudo muito claro, os passarinhos vêm comer as migalhas de pão que eu atiro no quintal... Ou será ilusão? Porque foi, justamente, numa tarde de quarta-feira, belíssima, que eu morri.

Uma outra de suas características marcantes, também, é o passar a considerar as coisas humanas a partir dali, da saída do mundo dos vivos, através de um prisma em que se acentuam drasticamente o seu lado risível, melancólico, profundamente cômico no seu paradoxo fundante. Como se a pobre condição humana dos vivos não fosse além de um ajuntamento de fatos aleatórios, circunstâncias imperativas e disposições alógicas, sem finalidade última ou sentido algum. Aquilo que na sentença lapidar do poeta se resumiria assim: “Uma agitação feroz e sem finalidade”, a própria vida.

Então, porque já fixada a sua condição de morto na narrativa, lá vai agora o nosso Mindinho contar episódios do seu enterro, oportunidade que aproveita para ir perfilando para o leitor um amontoado de pareceres seus sobre eventos comezinhos que agora e antes esclarecem um pouco da sua trajetória de vivente e agora de defunto.

Mas eu estava ‘pesado’ mesmo, nessa minha dolorosa trajetória: uma das cordas escorregou e o caixão, em-

bicando perigosamente para baixo, foi jogado violentamente contra o raso da cova, e assim fiquei à espera dos vermes. Algumas pessoas assustaram-se, outras acharam graça, e eu, em tudo isso, percebi que meu enterro, que sempre esperei ser cristão e ameno, virou palhaçada pura.

Note-se aí o tom sarcástico e irônico com que o narrador vai encaminhando as coisas da vida, aparentemente sempre balizadas por algum sistema moral ou ético, para um patamar de relatividade que, lá na frente, no momento crucial da sua narrativa, vai justificar teoricamente a sua atitude de vingança frente ao amigo. Essa travessia é feita por um trecho exemplar em termos de procedimentos formais de textualidade. Um momento em que, depois de ter sido largado definitivamente no cemitério, deixa patente o personagem-narrador, ao nível de um sintagma textual de sugestão, essa sua possibilidade de vingança:

Sentia falta de um companheiro, de uma palavra amiga. Os que ali permaneciam eram estranhos. Os coveiros de enxada às costas, deixavam o serviço, e eu me via só e triste, imerso numa profunda desolação. Queria ver os meus, falar-lhes, mas o certo é que uma força poderosa tolhiame os movimentos. Luzes estranhas davam conta de que me encontrava no limiar de uma nova existência, sem nada compreender desse mundo fantástico e irreal, feito do impossível e do imponderável.

Pois esse mundo fantástico e irreal, feito do impossível e do imponderável, tanto pode ser, no caso, o além-mundo do personagem; o nosso mundo real mesmo, que todos nós sabemos dotado de toda essa imponderabilidade e fantasia, ou o mundo textual da literatura onde tudo é possível e justificável, desde que as instâncias sejam inscritas sob a plausibilidade da sua coerência narrativa interna. Assim é que o narrador vai esclarecendo melhor as coisas: *Esse isolamento deveria ser motivado por mim mesmo. Certamente. Eu não seria coisa muito boa, vista que uma chusma de diabinhos andava sempre a me cercar.*

Em seguida, a confirmar certa epigonia de retórica machadiana, ▶

▶ mas uma louvável epigonia do tipo, o narrador faz surgir na história um personagem esclarecedor da sua nova condição existencial, mas funcionalmente irônico:

Quem tentou me esclarecer um pouco foi um velho de nome Camargo, falecido em 1868. Dizia-se filósofo. Outro dia me encontrou aqui e foi perguntado:

- *Rapaz, que tristeza é essa?*

- (...) *Como se chama?*

- (...) *Mindinho! – exclamei com ênfase.*

- (...) *E o que fazia, antes de vir pra cá?*

- (...) *Futebol – respondi com certo desalento. O senhor sabe, sou o Mindinho – insisti.*

A ironia em questão, a se depreender das considerações que seguem, por parte do filósofo de cova e de caixão, o senhor Camargo, decorre do fato do escritor José Cruz Medeiros servir-se justamente dele, um sábio, para firmar, na sua história, a repercussão no âmbito literário, da representação social do futebol como uma ocupação menor, um ofício que por privilegiar os pés e não a cabeça na sua execução, opõe também o trabalho intelectual ao manual, com todas as significações sociais depreciativas daí decorrentes:

Não sou contra o futebol, diz ele. Nem contra qualquer exercício físico, à exceção do boxe, que é digno do tempo das cavernas. Ou dos circos romanos. Mas o amigo deve convir que o futebol deixa o cérebro assim (com o indicador e o polegar configurou uma bola, pequeníssima...) e o pé deste tamanho! (e abriu os braços para mostrar um pé de metro e meio).

Cite-se também aqui a resposta do personagem-narrador, por ser absolutamente necessária ao caso em questão:

- *O senhor fala assim porque naturalmente nunca ouviu falar da célebre dupla Mindinho-Piúca, os 'backs' mais famosos do continente, declarei, imprimindo, agora, um tom irônico às minhas palavras. Piúca é o meu companheiro de vitória, o meu grande amigo. Criamos um sistema de defesa que é um assombro. Verdadeiramente. O senhor não se lembra do notável embate com os argentinos, em 1950? Que dia!*

Aplanado o terreno situacional, em que o leitor já sabe quem

SOBRE O AUTOR

José Cruz Medeiros nasceu no dia 19 de setembro do ano de 1909, em Curitiba, Paraná, e morreu em 9 de setembro de 1982. Estreou como contista com o livro *Bicho carpinteiro*, em 1959, e a partir daí desenvolveu uma boa carreira de escritor de histórias curtas e ensaísta. Foi membro da União Brasileira de Escritores (UBE) e responsável, durante muito tempo, pelo *Boletim Bibliográfico Brasileiro*, revista mensal que prestou importantes serviços ao pensamento da literatura brasileira. Tem publicado ainda, fechando a sua obra, os livros de contos *Pinheiros* (1956), *Uns contos por aí* (1969) e *A hora nona* (1981). Seu conto, "Cavalo Miranda", foi incluído na antologia *Contos brasileiros de bichos*, publicada em 1970 e organizada por Cyro de Matos e Hélio Pólvora. Já o conto de futebol, "Mindinho, que segue, venceu o Concurso de Conto Desportivo do Rio de Janeiro, em 1958, integrando a comissão julgadora Paulo Mendes Campos, Antonio Olinto e Henrique Pongetti. Esta narrativa aí analisada está publicada na coletânea *Contos brasileiros de futebol*, organizada em 2005 por Cyro de Matos, sob os auspícios da Editora LGE, de Brasília.

conta a história, a partir de que circunstância, sobre que tipo de atividade humana, e desta, sobre que aspecto vai tratar a narrativa, o narrador, ajudado por seu colega filósofo, descobre que pode pensar e agir de novo como qualquer homem vivo, apesar de morto. A partir daqui, inicia-se o final da sua história. Descobre que dia é hoje na sua vida de defunto, e esse dia

é dia de Vasco e Flamengo, o seu time de coração e de ofício profissional. E descobre também que pode voltar a encontrar os seus:

Vi então que podia me locomover à vontade. Comecei a flutuar como um tapete mágico, ao sabor do meu desejo. Como uma criança que principia a andar. Dentro de breves instantes, eis-me a rever as paisagens de minha predileção: Laranjeiras, Cosme Velho, a Barra da Tijuca, de onde guardo as recordações de uma excelente pequena.

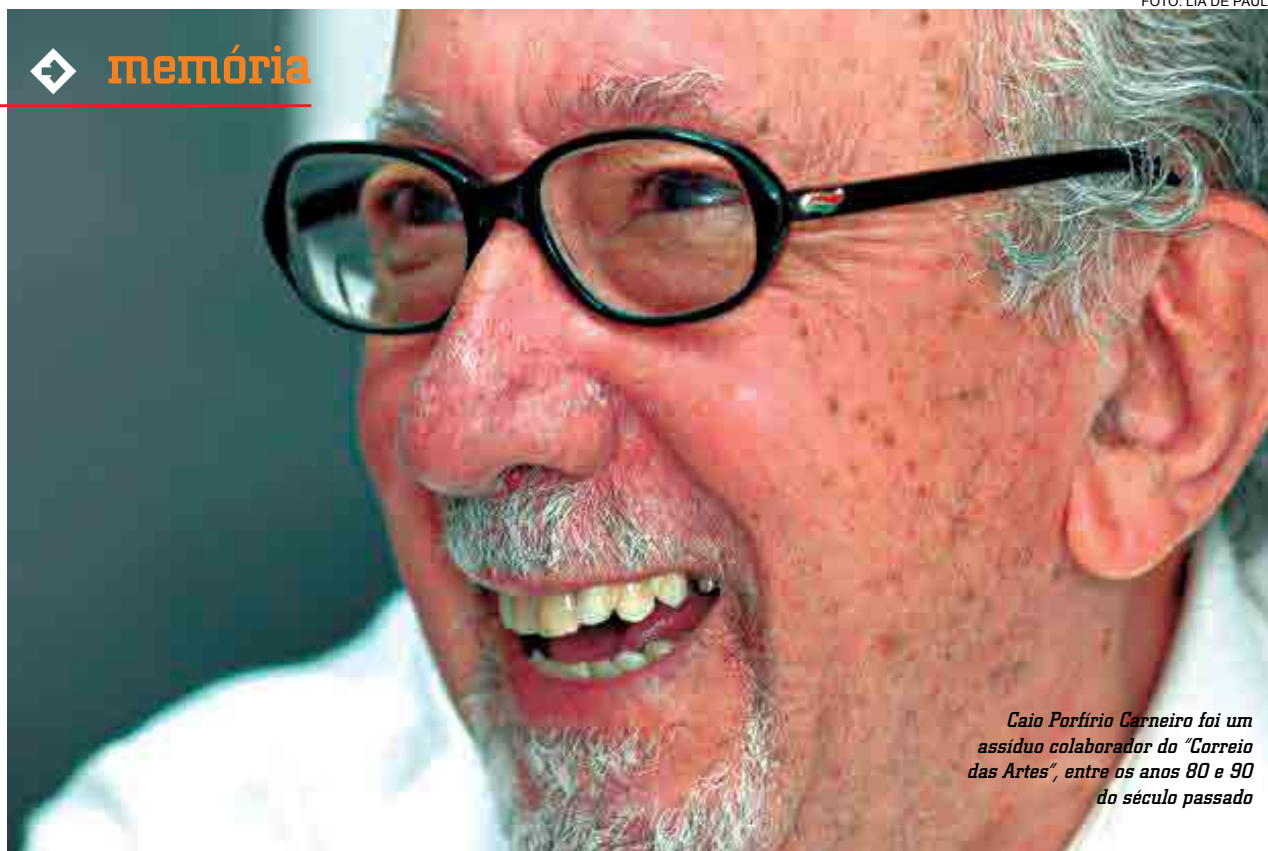
E eis também que de repente Mindinho se vê diante dos seus entes mais queridos, momento-chave de sua história:

E fui entrando, de mansinho. Atravessei a porta como um raio-X, e vi-me na sala. Nada se modificara. Tudo era silêncio. Minha filha de oito anos tinha ido até à casa da vizinha e o menino, de dois, brincava pelo chão com uma bola. E minha mulher? Foi quando lhe ouvi o riso, gostoso e cristalino. A sua voz era a mesma: doce como o melado de Campos. Não, não posso dizer o que presenciei então...

Em seguida a esta visão perturbadora para os seus olhos de jogador-defunto, ou melhor, de defunto jogador, para melhor entendermos o que se sucede, o nosso Mindinho presenteia seus ouvintes-leitores com uma das mais criativas e inusitadas jogadas já perpetradas no campo de jogo das narrativas de estória curta. Uma vingança espetacular pra cima do seu colega de time e de zaga, a qual só o tema do futebol poderia possibilitar. Pra entender tudo, vá o leitor a esse excelente texto de José Cruz Medeiros que, através das palavras de Mindinho, termina deliciosamente assim:

Você lembra dessa lavagem do Flamengo? A gente não esquece. Todo mundo botou a culpa no Piúca, uma desmoralização completa. Que continue a viver com minha mulher. E dizia-se meu amigo, o miserável! Mas está frito: Lea não dá pelota para quem não for cartaz... E, se der, agora já não tem importância. ✘

Edônio Alves é jornalista, poeta e professor de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).



Caio Porfírio Carneiro foi um assíduo colaborador do "Correio das Artes", entre os anos 80 e 90 do século passado

Caio Porfírio Carneiro:

UM HOMEM QUE VIVIA E EXERCIA NO DIA A DIA

"o mundo das ideias"

Da Redação

Admirado pelos seus pares – entre os quais se distinguem muitos paraibanos – o escritor, jornalista e historiador cearense Caio Porfírio de Castro Carneiro faleceu numa manhã de segunda-feira, dia 17 de julho de 2017, aos 89 anos. Autor premiado de romances, contos e novelas, dedicou-se, também, à literatura juvenil, poesia e memórias. Era membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (onde exerceu cargo de diretoria), Academia Paulistana da História, Academia de Letras do Brasil (de Brasília-DF), PEN Clube de São

Paulo, União Cultural Americana (de Buenos Aires, Argentina) e da União Brasileira de Escritores (da qual foi secretário administrativo por mais de 40 anos), além de sócio correspondente da Academia Cearense de Letras.

Caio Porfírio Carneiro foi um dos mais assíduos colaboradores do "Correio das Artes", entre os anos 80 e 90 do século passado, como atesta este depoimento do poeta Sérgio de Castro Pinto, que editou o suplemento de literatura e artes de **A União** de agosto de 1980 a março de 1986:

"Não se deve dissociar o escritor Caio Porfírio Carneiro da União Brasileira de Escritores (UBE), entidade em que exerceu cargos de relevo, inclusive, o de secretário. Não o conheci pessoalmente, mas através de correspondências

▶ - corria o ano de 1981 -, com as quais púnhamos em dia os assuntos atinentes à literatura. À época em que editei o “Correio das Artes”, Caio foi um colaborador assíduo, sempre enviando excelentes contos. Cearense de boa cepa, radicou-se ainda jovem em São Paulo, onde fez boa camaradagem, graças ao seu temperamento boêmio e extrovertido.”

Caio Porfírio nasceu no dia 1º de julho de 1928, em Fortaleza (CE), onde fez os estudos primários e secundários e bacharelou-se em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia, em 1952. Dedicou-se muito moço ao jornalismo, na terra natal. Trabalhou na firma Celso Nunes, que agenciava a Panair do Brasil, companhia de aviação subsidiada pela Pan American.

Publicou na revista *Oriente e Anima*, dos Padres Sacramentinos, uma “croniqueta” chamada “Ave Maria”.

Aos 24 anos de idade contraiu tuberculose pulmonar e ficou três anos sem emprego e sem amigos. Proibido de fazer qualquer esforço físico, dedicou-se à literatura e ao jogo de xadrez. Escreveu um conto chamado “O enxadrista”, que foi enviado para revista *A Cigarra*, pelo mestre de xadrez Helder Câmara. O referido conto obteve o primeiro lugar.

Transferiu-se para São Paulo em 1955. Trabalhou, de início, na imobiliária de um irmão e foi redator de programas da Rádio Piratininga. Em 1963, tornou-se secretário administrativo da União Brasileira de Escritores de São Paulo, cargo que ocupou durante muitos anos. Durante anos também foi encarregado do setor do interior da Editora Clube do Livro Ltda.

Escreveu uma série de contos que deram origem ao seu primeiro livro - *Trapiá*. Como não conseguiu editor, decidiu participar de alguns concursos literários e acabou ganhando sete prêmios com sete contos de *Trapiá*. Após o sucesso com os contos premiados, começou a colaborar no suplemento literário de *O Estado de S. Paulo*.

Colaborou nos principais suplementos do País, a exem-

plo do “Correio das Artes”, do jornal *A União*, de João Pessoa (PB), com ficção e crítica literária. Assinou a apresentação de dezenas de obras, dos mais diversos gêneros.

Publicou mais de 20 livros nos gêneros conto, novela, romance, poesia, memória e literatura infanto-juvenil. Alguns deles alcançaram várias edições.

O romance *O Sal da Terra* foi traduzido para o italiano, árabe, francês e adaptado em roteiro técnico para o cinema.

Contos seus estão incluídos em duas dezenas de antologias do gênero e traduzidos para o espanhol, italiano, francês, alemão e inglês. Pronunciou dezenas de palestras, conferências na capital e interior paulista, e em outros Estados.



JORNADA LITERÁRIA

Caio Porfírio Carneiro estreou na literatura com *Trapiá* (contos), lançado pela Francisco Alves Editora, do Rio de Janeiro, em 1961. A obra ganhou mais quatro edições posteriores, com selos da Coleção Saraiva, de São Paulo; Editora Cátedra, do Rio de Janeiro; Ribeirão Gráfica Editora, de Franca (SP) e Editora da Universidade do Ceará. O conto “O Padrinho” foi traduzido para o

alemão e o “Come-gato” adaptado para a televisão.

A novela policial *Bala de Rifle* foi publicada em capítulos no jornal *Última Hora*, de São Paulo, em 1963, mas não foi levada a livro.

O romance *O Sal da Terra*, publicada pela Editora Civilização Brasileira, do Rio de Janeiro, em 1965, teve mais duas edições pela Editora Ática, de São Paulo, e 4ª edição pela Editora Letra Selvagem, de Taubaté (SP). A obra foi traduzida para o italiano, o árabe e o francês, e adaptada em roteiro técnico para o cinema.

Os Meninos e o Agreste (contos) foi publicado pela Editora Quatro Artes, de São Paulo, em 1969. A 2ª edição saiu pela mesma editora, em convênio com o Instituto Nacional do Livro. Com ele, o autor conquistou o Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras e a Menção Honrosa do Prêmio Governador do Estado de São Paulo.

O romance-reportagem *Uma Luz no Sertão* veio a lume pela Editora Clube do Livro, de São Paulo, em 1973. A 2ª edição saiu pela Editora Claridade, também de São Paulo, em 2007.

O Casarão (contos) saiu com selo da Editora do Escritor, de São Paulo, em 1975. Com ele, Caio arrebanhou o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, de São Paulo, e uma Menção Honrosa do Pen Clube de São Paulo. ▶



► *Chuva - Os Dez Cavaleiros* (contos), publicado pela Editora Hucitec, de São Paulo, em 1977, foi adaptado em roteiro técnico para o cinema.

O Contra-Espelho (contos), saiu pela Traço Editora, de São Paulo, em 1981.

10 Contos Escolhidos (Coleção 10 Contos) foi publicado pela Editora Horizonte, de Brasília, em 1983, em convênio com o Instituto Nacional do Livro.

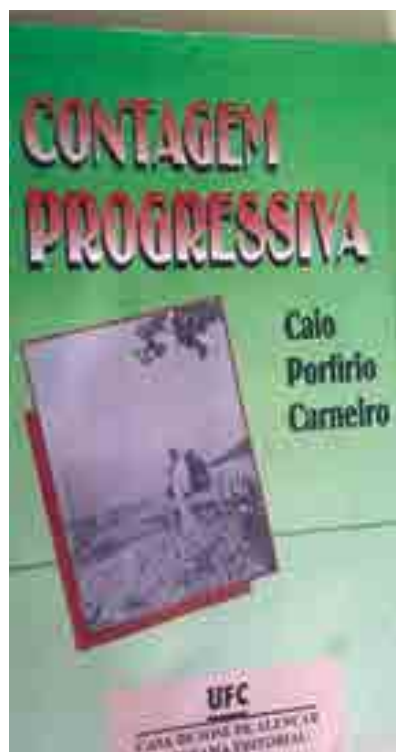
Viagem sem Volta (contos), foi lançado pela Editora Seiva, de São Paulo, em 1985.

Livro destinado ao público juvenil, *Quando o Sertão Virou Mar...* foi publicado pela Companhia Editora Nacional, de São Paulo, em 1986.

A Oportunidade (novela), ganhou selo da Editora Mercado Aberto, de Porto Alegre (RS), em 1986.

Outro título da área de literatura juvenil, *Profissão: Esperança* foi lançado pela Editora do Brasil, de São Paulo, em 1986. Destinado ao mesmo público, *Da Terra para o Mar, do Mar para a Terra* saiu pela Editora FTD, de São Paulo, em 1987, e teve várias edições.

A FTD publicou a novela *Três Caminhos*, em 1988 – que também teve várias edições –, enquanto a Editora Ila Palma, de São Paulo/Palermo, Itália, lançou, no mesmo ano, a novela *Dias sem Sol*.



Rastro Impreciso (poesias) saiu com selo da Scortecci Editora, de São Paulo, em 1988.

Os Dedos e os Dados (contos, 1989), ostenta selo da Editora Pontes, de Campinas (SP).

A Scortecci lançou *Primeira Peregrinação* (reminiscências), em 1994.

A Partida e a Chegada (contos e narrativas) foi publicado pela Editora Toda Prosa, de São Paulo, em 1995.

Em 1977 Caio volta à literatura juvenil com *Cajueiro sem Sombra*, publicado pela Editora Saraiva. A obra teve várias edições.

Mesa de Bar (quase diário, 1997), saiu pela Toda Prosa.

Contagem Progressiva (memórias), foi publicado pela Universidade Federal do Ceará (UFCE), em 1998.

Perfis de Memoráveis (autores brasileiros que não alcançaram o terceiro milênio), foi lançado pela RG Editores, de São Paulo, em 2002.

Uma Nova Esperança, também de literatura juvenil, saiu com selo da Editora Nativa (em parceria com Maria José Viana e Paulo Veiga), de São Paulo, em 2002.

Maiores e Menores (contos) foi lançado pela Alpharrábio Edições, de Santo André (SP), em 2003.

A Vocação Nacional da UBE - 62 Anos (histórico da UBE desde a sua fundação), em parceria com J. B. Sayeg, foi publicado pela RG Editores, em 2004.

Gramíneas (miscelânea literária), sai pela Scortecci Editora, em 2006.

Respingos de uma Viagem (opúsculo literário), também foi publicado pela Scortecci Editora, em 2008, assim como *O Copo Azul* (contos), em 2009.

Em 2011, o último livro: *Veredas da Caminhada* (contos), pela RG Editores.

HOMENAGENS NA UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES

O presidente da União Brasileira de Escritores, Durval de Noronha Goyos Junior, em dis-

curso proferido em 20 de setembro de 2017, na sede social da UBE, por ocasião de sessão solene em homenagem a Caio Porfírio Carneiro, destacou os principais atributos que tornaram o autor cearense um nome singular para a literatura e para a própria entidade, à qual se dedicou de corpo e alma. Para Durval de Noronha, no conjunto da obra de Caio Porfírio, destacam-se o romance *O Sal da Terra* e os livros de contos *Os Meninos* e *O Agreste* e *O Casarão*.

“Dentre as obras de Caio Porfírio – prossegue o presidente da UBE –, conta-se também uma história da União Brasileira de Escritores, denominada *A Vocação Nacional da UBE*, escrita em parceria com o advogado e escritor catanduvense, João Batista Sayeg, que registra os primeiros 62 anos da entidade, incluindo participações em congressos, efemérides e verbetes dos escritores afiliados no ano de sua publicação, 2004”.

Durval de Noronha acentuou, ainda, que na obra *Vocação Nacional*, Caio Porfírio deixou marcada a incansável luta da UBE pelas liberdades democráticas e pelo estado de Direito, desde o seus primórdios, com a Carta dos Escritores, que assinalava “acreditamos ser condição para a realização desse objetivo (um Brasil engrandecido) a defesa das liberdades democráticas e da livre manifestação do pensamento em todas suas formas de expressão, garantias por sua vez da própria dignidade humana contra preconceitos de língua, raça, nacionalidade e ideologias.”

Na mesma obra, conforme assinala o presidente da UBE, Caio Porfírio lembra como no ano de 1961 a entidade ergueu-se, por ocasião da tentativa de um golpe de Estado, em defesa da ordem constitucional com um trabalho no qual afirmou: “os escritores de São Paulo... unem-se em torno do princípio da intangibilidade das franquias constitucionais, contra o estado de sítio e as leis de exce-

ção com que ora nos ameaçam.”

Ainda em *A Vocação*, Caio Porfírio, de acordo com as palavras de Durval de Noronha, retrata a posição da UBE em 1968, às vésperas da edição do infame Ato Institucional nº 5, de triste memória, em documento com a seguinte assertiva: “Assim, firmando sua posição, a União Brasileira de Escritores denuncia mais uma vez o desrespeito às normas democráticas como fator mais importante dos descontentamentos e agitações que conturbam a vida da nação. Só a união de todos os brasileiros, a anistia aos que se encontram marginalizados da vida política, o pleno exercício da democracia, trarão à família brasileira e garantirão a ordem de que necessita para crescer”.

Em seguida, ainda na referida obra sob comento de Durval de Noronha, Caio Porfírio lembra como, em 1980, a UBE repudiou o terrorismo cultural instalado pela ditadura militar e caracterizado pela prática institucionalizada da censura e pediu a plena redemocratização do País. “O renomado escritor ressaltou ainda o Manifesto à Nação em Favor das Eleições Diretas, divulgado em 1984. Em 1988, Caio Porfírio registra a participação da UBE na Assembleia Geral Constituinte, que abriu os caminhos para a redemocratização do País, com a Constituição de 1989”, acrescenta.

Durval de Noronha apontou também as tradições da UBE tão bem representadas, defendidas e retratadas por Caio Porfírio. “De fato - continuou, nos últimos três anos a UBE já se pronunciou formalmente pelos direitos humanos, pela conciliação nacional, pelo estado de Direito, pela tolerância à diversidade sexual, pela liberdade de expressão, contra a tortura, pela educação pública, pela afirmação da língua portuguesa, em favor dos jornalistas processados no Paraná, em repúdio à cultura do estupro, pela educação pública e



Caio Porfírio no lançamento do livro *Brisas esparsas*, de Maria de Lourdes Alba, em 21 de março de 2017, na Livraria Martins Fontes, em São Paulo

em repúdio à censura da mostra Queermuseu”.

Na mesma ocasião, a escritora Maria de Lourdes Alba também expressou suas convicções a respeito de Caio Porfírio, para ela, “um homem generoso, culto, de uma simplicidade que o elevava a extrapolar o mundo físico”, e que vivia e exercia no dia a dia “o mundo das ideias”.

A paixão de Caio Porfírio pela UBE era tanto que, segundo Alba, ele era “casado com a União Brasileira de Escritores. Vestia a camisa e carregava a bandeira da entidade por onde passava”.

A escritora disse que Caio Porfírio deixou uma obra riquíssima, além dos valiosos livros publicados e premiados, deixou livros inéditos não apresentados, e citou o livro *Ângela*, de literatura fantástica, gênero nun-

ca editado por ele. “Acompanhei a escrita e as várias mudanças que fez em determinados capítulos. Na finalização me pediu e fiz o poema para abertura do *Ângela*. Infelizmente este e outros livros dele não vieram a público”, lamentou.

Para Alba, Caio Porfírio ajudava a todos que o procurava, sem distinção, sem meias palavras. “Enxergava a pessoa pela pessoa, não pelos títulos que possuíam, nem tão pouco pela aparência que apresentavam. Em seu percurso prefaciava e criticava as obras, inclusive a dos novatos e inéditos para que se alinhassem e produzissem o melhor possível dentro da capacidade de cada um”, completou.

Revelou que se tornou escritora pelas mãos de Caio Porfírio e, desse modo, foi aprendendo a lidar com o mundo distinto, ímpar e, portanto, solitário que é a literatura. “Tivemos uma amizade única e fiel. Eu digitei todo o *Veredas Percorridas* e artigos que publicava em jornais e revistas, prefácios para autores, mandava e-mail para quem me pedisse, essas coisas assim. Isto dos últimos anos para cá. Caio trabalhou até o último dia que teve saúde na vida. No hospital na véspera da cirurgia conversamos e ele quis saber se tinha mandado o material pelo correio para ele. Preservou a lucidez até o fim da vida”, enfatizou.

Disse ainda que o que aprendeu com Caio Porfírio - o lado humano, o tratamento com a literatura, com o convívio igualitário entre as pessoas cultas e analfabetas - vai levar de ensinamento para o resto da vida.

Por fim, salientou que a obra de Caio Porfírio, “desde o regionalismo, ao fantástico, ao micro contos, poemas, infanto-juvenil, etc. há de ser cuidadosamente por nós preservada e valorizada e temos a obrigação de expandi-la e apresenta-la sempre, para que não se perca no contexto da universalidade e na banalidade tão presente nos dias de hoje”. ■



Caio Porfírio (segundo da esquerda para a direita) com outros editores da UBE e o presidente desta entidade, Durval de Noronha (primeiro à direita)

memória

A partida e a chegada*

Cláudio Limeira

Especial para o *Correio das Artes*

Outro dia sofri inesperado golpe ao receber a devolução de uma correspondência. Um grande envelope branco com aquele carimbo azul dos Correios, com quadradinhos, quatro de cada lado, enumerando oito alternativas burocráticas que todos conhecem: ausente, mudou-se, endereço insuficiente etc., para caracterizar a devolução. No meu caso um “x” num dos quadradinhos estava substituindo a alegria de uma resposta por uma amarga comunicação: falecido. Fiquei chocado e procurei socorro com nossa amiga, poeta Maria de Lourdes Alba, por quem o correspondente devotava imenso carinho. Havia morrido sim, me confirmou por e-mail. Passara por um breve calvário de procedimentos médicos, mas acabou não resistindo.

A partir de noventa e oito do século passado, tivemos com o escritor Caio Porfírio Carneiro, uma correspondência regular, (principalmente Yó, boa missivista) cartas à moda antiga, escritas à mão, verdadeiras crônicas, descontraídas e bem-humoradas, porque o humor era parte do seu espírito rico de vida.

Mas foi o “Correio das Artes” que melhor nos aproximou, visto ser ele um antigo colaborador. Sempre solícito e simples, nunca abdicou de suas raízes nordestinas. Humilde, embora já fosse um nome nacional no romance, novela, conto (sua

grande paixão), crítica literária, biografia, ensaio. Com mais de duas dezenas de livros publicados, aclamado ao longo do tempo, tanto pelo público quanto pela crítica, tendo inclusive recebido vários prêmios, como o ambicionado Jabuti, Afonso Arinos, entre outros. Também participou de incontáveis antologias, nacionais e internacionais. Teve alguns de seus livros traduzidos para o francês, espanhol, italiano e árabe, e um romance por duas vezes roteirizado para o cinema.

Sua história se confunde com sua vida literária: dedicação em tempo integral. Trabalhou até os últimos momentos. Em 1963 assumiu a secretaria administrativa da UBE (União Brasileira de Escritores), à época ainda incipiente, abraçou a causa literária facilitando a vida de muitos escritores, encaminhando jovens no ofício, organizando seminários, ajudando os escribas nesse ofício muitas vezes espinhoso, divulgando inéditos, e interagindo em outras inumeráveis ações no campo das letras. Nos tempos de chumbo, junto à instituição, que virara alvo fácil, enfrentou com engenho e altivez os tentáculos da censura, que reinava solta em todas as redações, e em qualquer parte, ubíqua que era. O aparelho repressivo, de triste memória, estava nos teatros, nas casas de shows, nas emissoras de rádio e TV. Era uma verdadeira caça às bruxas: os agentes dessa máquina repressiva farejavam comunismo e subversão até nas serifas da letra impressa. ▶

▶ Ao longo do tempo nunca perdeu sua coerência ideológica e, às vezes, retratava seus conflitos de juventude revolucionária com boa dose de ironia: não conseguia ter simpatia pelo camarada Stalin e nem entendia o porquê. Tinha até medo quando nas reuniões seus pares saudavam entusiasmados:

- Viva camarada Stalin!

- Viva camarada Prestes! – E ele com um *viva* inosso, sem teção, vendo a hora ser condenado até a quinta geração. Até que um dia, segundo conta, viu uma foto de Trotski. Foi amor à primeira vista, e terminou descobrindo que a “incompatibilidade” ideológica estava no bigode que escondia a cara do camponês de riso siberiano. Já o outro inspirava leveza e confiança e o fato de ser inimigo do “mão de ferro” coroava sua idolatria pelo barbicha. Assim é o comentário que tece numa pequena crônica do livro *Mesa de bar*, “ao sabor dos vapores etílicos”, e com ácida ironia, suas convicções juvenis de revolucionário querendo mudar o mundo.

Fez o prefácio do meu livro *Remanso*, e descobriu coisas que nem eu mesmo notei na minha opaca visão crítica.

Meu jeito cronicamente descansado inquietava o nosso “herói”, que me cobrava nos telefonemas:

- Como é, sai ou não sai? Se for problema de editora, a gente se arranja por aqui (São Paulo). Uns conterrâneos amigos do Ceará são donos de uma editora, e podem muito bem fazer o livro, é só dizer. Mas se for problema com a poesia, nada mais fácil:

- É só ir rimando *prefeitura* com *rapadura* e pronto! Está esperando o quê? – E ah, ah, ah, do outro lado da linha. Mas isso nada mais era que um diplomático puxão de orelhas contra o meu descanso.



O camarada Trotski (foto) ganhou a simpatia de Caio Porfírio, que desconfiava até dos bigodes de Stalin

Agora fico a imaginar a chegada de Caio Porfírio Carneiro nas quebradas do céu, e São Pedro bonachão, como no verso de Bandeira, mas com fortes ressalvas abonadoras, antes do “você não precisa pedir licença”.

Agora fico a imaginar a chegada de Caio Porfírio Carneiro nas quebradas do céu, e São Pedro bonachão, como no verso de Bandeira, mas com fortes ressalvas abonadoras, antes do “você não precisa pedir licença”. E ele foi logo entendendo que a bondade do santo dispensava toda sua devoção infanto-juvenil, talhada e esmerilhada pelos os padres sacramentinos holandeses, da Igreja de São Benedito, em Fortaleza, e que sua fé se esvaíra com o olhar triste da moça que lhe ensinara caminhos novos para o bom pecado, e que também fizera vista grossa para seu imberbe ateísmo comunista. E foi falando enérgico:

- A felicidade é esse montão de gente que está aí atrás clamando pela sua presença. – E ele esticando o pescoço e ficando na ponta dos pés pode ver o aglomerado de amigos escritores e, para surpresa maior, uma legião de personagens seus, que de tão humanos e sofridos, haviam adquirido alma, e lá, entre tantos, estavam *Guedegue*, *Cristina Louca*, já curada, *Bibio*, *Cego Delfino*, já bom da vista, perdida pela intensidade da luz refletida nas montanhas brancas de sal, feito neve. *Mestre Nonato*,** agora num lugar melhor do que sua sonhada terra, sem o mondrongo no lombo, causado pelo pau de balaio, corcova que caracterizava um aberrante aleijão que os deixavam repulsivos. Estavam agora livres de todos esses males. Foi quando, vendo tudo isso, Caio viu que sua vida em muito tinha valido a pena. Surpreso, olhou para todos e com eles abraçou-se com a eternidade. ♥

Cláudio Limeira é professor, poeta e contista. Editou o *Correio das Artes* de 1997 a 2002. Mora em João Pessoa (PB).

*Título de um de seus livros. Editora Toda Prosa Ltda. São Paulo

**Personagens do romance *Sal da terra*, também de sua autoria. Editora Ática. São Paulo. 3ª. Edição

Literatura e vida

FOTO: DIVULGAÇÃO



Caio Porfírio, além de escritor de talento, era uma pessoa afável e de bem com a vida

Yó Limeira

Especial para o *Correio das Artes*

Como é bom e gratificante não os aplausos, mas sabermos que temos amigos que nos querem bem.

Fazer amigos foi uma das inúmeras qualidades de Caio Porfírio Carneiro. E neste *affaire* foi também um mestre. Não importavam as distâncias geográficas, não importava que nunca estivesse *vis a vis* com as pessoas. Se fazia amigo e fazia com que essas pessoas a ele se afeioassem.

E foi assim nossa amizade.

Tudo começou quando Cláudio assumiu a edi-

toria do *Correio das Artes*. E eu fiquei cuidando dos encargos de secretária. Um deles me caiu como luva porque sempre gostei de escrever cartas. Daí, além dos exemplares do suplemento que **A União** já enviava para escritores por esse Brasil afora, nós enviávamos, por conta própria, mais dois ou três para o escritor que havia colaborado naquela edição. E cada envio desses era acompanhado de um bilhete, de uma cartinha que eu escrevia de próprio punho. Assim iniciamos não somente uma correspondência, mas, através dela, fomos plantando contatos. Alguns germinaram e tornaram-se amizades. Entre elas, a mais próxima, a mais constante foi, sem dúvida alguma, a de Caio. Temos guardadas mais de duas dezenas de cartas, bilhetes... Isto para não falar de outro tanto de livros que nos dedicava. E de telefonemas. As cartas, as falas por telefone, eram sempre cheias de afetividade e de humor porque ele era uma pessoa extremamente afável e totalmente de bem com a vida. E eu sempre achei bonito, bonito demais até, o apego que ele tinha por sua Fortaleza, pelas praças de areia, pelas ruas da sua infância, pelas casas que habitou, pelos rios, pela fazenda dos avós, o *Pau Caído*, com os banhos de açude... Depois que saiu de lá para acompanhar a família que foi morar em São Paulo, nunca, nunca deixou de visitar, uma, duas vezes ao ano seu torrão natal...

Aquela Coluna da Hora, a anterior e não esta nova, foi o marco mais presente, visível e amável para cada cearense desgarrado da sua cidade, alma e coração da minha Fortaleza perdida. E ela se foi...

Caio sempre foi um 'desgarrado' do seu Ceará, do seu Nordeste, tão presentes em muitos, muitos dos seus escritos. O Ceará, o Nordeste, corriam em suas veias. ▶

▶ Mas não posso deixar passar aqui uma outra característica dessa figura tão cheia de humanismo. Foi um grande incentivador de escritores, de poetas... Lembro-me de uma vez quando ele nos ligou solicitando a participação de quatro poetas paraibanos para a revista *LB de Literatura*, do escritor e editor Aluísio Sampaio. Enviamos poemas de Vanildo Brito, Sérgio de Castro Pinto, Hildeberto Barbosa Filho e Cláudio Limeira. Foi só a correspondência chegar às suas mãos e o telefone tocar: "Yó, cadê seus poemas?". "Não posso me colocar aí, nem livro tenho editado, respondi". "Sua poesia é boa. Olhe: me mande dois poemas seus. Vou publicar noutro local. Mande logo!". Enviei poucos dias depois. E, para minha enorme surpresa lá estava eu na contracapa, na mesma edição da *LB* dos quatro poetas paraibanos... Tempos depois, ele de novo: - Yó, e seu livro? Mande os originais para mim. Mande mesmo! - Pronto. O retorno foi um belo prefácio. Este era Caio! E ele foi assim para muitos e muitos novos poetas, novos contistas, novos romancistas.

Ainda recordo um dos últimos telefonemas. Andava envolvido com uma antologia de poetas brasileiros que seria editada na Itália. Ele havia incluído Cláudio e eu na referida antologia. Enviamos nossos poemas. Acontece que o editor havia falecido e ele estava preocupado em justificar-se conosco. Vejam o tanto que era correto, o tanto que era comprometido com as pessoas, com a sensibilidade dos outros. Mas escutá-lo ao fone era uma festa. Festa de alegria. Ele falava comigo, falava com Cláudio. Afetuoso, cheio de humor, cheio de vida. E, quando tinha programada uma viagem para sua Fortaleza, tencionava dar uma geladinha em Recife para rever seu amigo Everaldo Moreira Veras, e aqui, para curtir com a gente,



Cláudio e Yó Limeira tornaram-se amigos de Caio Porfírio por meio do Correio das Artes

um bode torrado, uma buchada, uma carne de sol, sempre regados a uma "geladinha"... Este é o Caio que conhecemos. O Caio que ganhou nossos corações. Para além dos seus livros de leitura tão deliciosa. Viagens da melhor qualidade estética. Ele sabia trazer as cores, o ar, a vida do passado e tornava-a tão viva para qualquer leitor do presente, qualquer que venha a ser este presente.

Foi uma triste tarde aquela de pesadas nuvens anunciadoras de uma chuva que não caía. Foi naquela tarde de setembro quando recebemos de volta dos Correios o último envelope que havíamos enviado para ele, com uma única palavra: Falecido.

Mas caríssimo amigo, depois do primeiro e doído impacto, tiramos da estante seus livros e recomeçamos mais uma vez a relê-los. E começamos a sentir sua presença viva, bem viva.

Na saída, olhei a multidão da cidade, carros passando, e descobri uma coisa que verdadeiramente me emocionou: afinal de contas, seu Caio, você deixará um pequeno rastro nesta sua passagem pelo planeta Terra...

Exatamente assim: você deixou rastros literários e rastros de amizade. Fortes pegadas na literatura e mais fortes ainda no coração da gente. Obrigada, meu amigo! ✖

(As citações em itálico são de Caio Porfírio Carneiro, em *Mesa de Bar*, páginas 105, 100 e 105, respectivamente.)

Yó Limeira é poeta. Publicou *Era domingo...* (Ideia), criou e editou o *Correinho das Artes (A União)* e a revista *Verdes Anos* (Manufatura). Mora em João Pessoa (PB).





125
Anos

2018

uma nova História
para uma nova

A UNIÃO

Reserve seu anúncio (83) 3218.6526

Faça a sua assinatura (83) 3218.6518



A UNIÃO Superintendência de Imprensa e Editora

www.paraiba.pb.gov.br |    [uniao.gov.pb](https://www.facebook.com/uniao.gov.pb) |  uniao.gov.pb@gmail.com